

# FOSTA

Revista de Arte e Pensamento  
2ª Fase

ANNO I

MARÇO DE 1935

NUM. 7

## Neste numero:

Canto Christão - Tasso da Silveira; Ronald de Carvalho; Gabriela Mistral; Rimbaud - Mario de Andrade; Um poema sobre a Atlantida; A' sombra do Himalaya - Ramayana de Chevalier; Pensamento - Cecília Meirelles; A caricia eterna - Padua de Almeida; Parábola do filho prodigo - Cardillo Filho; Na rua - Francisco Karam; Poema - Rosario Fusco; S. Francisco de Assis - Lacerda Pinto; O homem e a terra - Eduardo Tourinho; Requiem - Wellington Brandão; Heitor Alves; Palavras ao vento - Eugenio Gomes; Setembro (poemas de Emiliano Pernetta) - Silveira Netto; Definição do modernismo brasileiro - Orlando Carneiro; Meia hora com Cecilia Meirelles e Correia Dias - Andrade Muricy; Retrato feito ao regresso - T. S.; Semana "Emiliano Pernetta"; A sombra do Komosol - Afranio Coutinho; Bialik - T. S.; Sertão de inverno; No circo sem teto da amazonia - A. M.; Poemas novos - Silveira Netto; Murillo Araujo - T. S.; Pintura futurista - Henry de Lanteuil.

Desenhos de CECILIA MEIRELLES

Christians

ANNO I

NUMERO

SETE

# FONTOA

Revista de Arte e Pensamento  
2ª Phase

RIO DE  
JANEIRO

MARÇO

1935

## canto christão

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros!  
Temos de fazer um grande, infinito silencio  
para escutar a queixa  
e as trágicas ameaças  
do nosso irmão proletário.

Para escutal-os, não apenas  
com os ouvidos,  
mas com os sentidos todos  
do nosso corpo e da nossa alma.

Nós, que aprendemos a sentir  
a pulsação secreta  
das forças adormecidas e distantes;  
a captar, pela antenna prodigiosa  
do nosso espirito  
as fluídicas correntes  
do magnetismo que equilibra os mundos;  
a auscultar, commovidos,  
o latejo tellúrico  
da terra ardente de germinações,

— nós não ouvimos nunca  
o rumor abafado  
da angustia que cresce...

Nós temos de calar nossa voz, Companheiros,  
para ouvir em silencio  
nosso irmão proletário.

Esta é a hora de escutar.

O que elle diz  
vem carregado de ódio e de blasphemias.  
O que elle diz é amargo como o mar.  
O que elle diz  
vem carregado de erro e negação.

A voz que elle ergue é um sopro ardente  
dos abysmos.

Porém nós, Companheiros,  
nós temos de fazer um profundo silencio  
para o escutar!

Porque elle é que realiza  
sobre a face da Terra  
a grande dôr humilde.

Porque elle é que morde o pó.

Porque elle  
é que tem sêde de justiça e de alegria.

Nós temos de escutar nosso irmão proletário  
porque elle é que realiza  
o destino terreno  
dos pobres que o Senhor santificou.

O que elle diz  
vem carregado de ódio e maldição.  
Elle esqueceu a eternidade. Como nós!  
Nós também a esquecemos.  
Elle e nós nos esquecemos de Deus.

Elle, porém, porque ficou suffocado  
sob a materia densa.  
Porque os blocos que carregou nos hombros  
[túmidos

pesavam tanto  
que elle os ficou para sempre carregando  
dentro da alma.

Porque a terra que elle trabalhou nos campos  
[áridos

entrou-lhe pelas unhas, pelos póros,  
e ficou sendo lama negra em seu espirito.  
Porque a poeira e o carvão que elle respirou nas  
[usinas.

nas minas, nas estradas,  
nas duras jornadas sol a sol,  
forrou-lhe os pulmões de uma camada áspera e  
[secca.

E sua alma, pesada,  
não pode mais erguer-se para Deus.

Elle esqueceu a eternidade, como nós!

(CONCLUE NA PAGINA SEGUINTE)

# Ronald de Carvalho

Todas as pennas agéis, todas as vozes re-  
soantes deste momento brasileiro exprimi-  
ram o pezar que provocou a morte de Ronald  
de Carvalho com um accento quasi unico: o  
de uma pena infinita de que se houvesse par-  
tido, e em choque tão aspero, tão pura e har-  
moniosa linha de vida, no mesmo instante em  
que nella se transformava o rude esforço cria-  
dor em alegria de triumpho.

Porque era este o phenomeno a que todos  
assistamos deslumbrados.

A expressão serena e subtil, de apuro clas-  
sico, mas cheia de essenciaes movimentos no-  
vos, que Ronald imprimiu na sua obra de pro-  
sador e de poeta, não significou nunca, na sua  
alma, um adormecimento qualquer para as  
grandes angustias do espirito do tempo em  
que viveu. Os que perscrutaram essa obra,  
e, melhor ainda, os que lhe ouviram as con-  
fidenças o sabem de sobejo. Ronald teve de  
vencer desanimos fundos e duvidas mortifi-  
cantes. Ao tempo de *Luz Gloriosa e Sone-  
tos e poemas*, minavam-lhe o entusiasmo cria-  
dor efluvios vivos da filosofia naturalista, as-  
sim como do tédio *fin du siècle*, que o parna-  
sianismo e o symbolismo carregaram para o  
Brasil. A sua *Pequena historia da litera-  
tura* foi um esforço de ascese e disciplina que  
elle cumpriu, arrostando uma onda forte de  
descrença no destino brasileiro. *Espelho de  
Ariel* representa simples evasão do tédio in-  
timo para a belleza alheia. E ainda nos *Epi-  
grammas*, que foram o seu primeiro fremito

de renovação, — não apenas de renovação  
esthetica, mas principalmente interior, —  
são visíveis os ultimos cristaes de scepticis-  
mo bolando, rijos, na agua diaphana da ex-  
pressão lyrica renascente.

Em todos esses livros, comtudo, a intelli-  
gencia se sobrepoz á deliquescencia intima, e  
refundiu o sentimento esmorecido em moldes  
de belleza pura, num trabalho de ordenação  
de sentido mais alto do que o possa presumir  
a analyse desaffenta. A luta por attingir á  
forma limpida foi uma hygiene espirital.  
Ronald reconstruiu-se aos poucos em sua pro-  
pria espiritalidade, e pelo amor á nitidez das  
formas, attingiu a substancia profunda.

O que vimos acontecer no seu caso foi  
justamente a reconquista da harmonia inter-  
rior pelo caminho do esplendor das apparenc-  
cias.

*Toda a America* é um grito de descobri-  
mento. Não apenas do descobrimento de  
outros rythmos e outras materias de arte.  
Mas, sobretudo, de descobrimento do valor da  
vida. *Toda a America*, e as paginas de pro-  
sa e verso que se lhe seguiram, foram traça-  
das em plenitude de alegria. O sceptico, sem  
o saber, marchava para a fé. Porque, por  
necessidade inelutavel de nossa natureza, é  
atravez das coisas que attingimos o espirito e  
o sentido superior do seu destino. E quando  
alcançamos o valor da vida estamos proximos  
de Deus.

## Gabriela Mistral

A adequação perfeita deste nome a uma  
poetisa de espiritalidade profunda... Ga-  
briela Mistral: ha nelle um tal cantico de  
vogaes abertas e uma doçura tal de conso-  
nancias, que se diria escripto com letras de  
outro alfabeto que não o que empregamos  
em nosso áspero esforço expressional de cada  
dia. E ha ainda o resalbo de Provença, na  
lembrança que traz do cantor de *Mireio*, com  
o mel e o sol e as frondes frescas do claro  
pais meridional.

Não tenho á mão os maiores livros da  
poetisa chilena, que é, tambem, indice alto da  
cultura universal na America. Apenas, so-  
bre a mesa, um volume de poesias infantis.  
Será, quem sabe, o mais duradouro de todos.  
A poesia que por elle corre é pura, simple,  
sem mescla. E humana, profundamente.  
Quem nos dirá que não traz mais forte capa-  
cidade de permanecer, de ficar, do que a poe-  
sia dos outros livros, em que a intelligencia  
imperiosa interferiu, combinando ácidos, de  
que um dia desapparecerá, talvez, o sabor de  
belleza?

Desse volume de poemas para crianças,  
que se chama *Ternura*, traduzo a pequena  
peçazinha abaixo. Exactamente uma ron-  
da. Mas de belleza impercível.

DÁ-ME TUA Á MÃO

Dá-me tua mão, e dansaremos,  
dá-me tua mão, e me amarás.  
Uma flôr única seremos,  
uma só flôr, e nada mais...

O mesmo verso cantaremos,  
ao mesmo passo, ballarás.  
Como uma espiga ondularmos,  
como uma espiga, e nada mais...

Chamas-te Rosa, eu, Esperança;  
mas o teu nome olvidarás,  
Porque seremos uma dança  
sobre a collina, e nada mais...

Nós, porém, a esquecemos  
pelo terreno júbilo criador.  
Pela alegria de sonhar e de construir.  
Porque concebemos e commandámos  
as transformações inauditas.  
Erguemos metrópoles vertiginosas.  
Accendemos constellações novas na noite.  
Recortámos a Terra em geometrias audazes.  
Vencemos os ímpetos oceanicos.  
Rectificámos as costas marinhas em cães soberbos.  
Abolimos as separações e as distancias.  
Aprisionámos na rêde do nosso desejo  
os desertos, as planícies, as montanhas.  
Decifrámos o enigma que nos abriu a porta  
[de bronze do reino  
longe e livre dos Espaços...

Nós a esquecemos  
pela alegria de sonhar e de construir.  
Porque recriámos o mundo á nossa imagem.  
Modelámos a argilla pobre  
em formas puras de belleza.  
Prendemos o ar nos tubos magicos  
em que fabricamos os rythmos dominadores.  
Refundimos o aço essencial das coisas  
no alto-forno do espirito  
e refizemos as coisas em metal novo.  
Nós a esquecemos  
pela volupia miseravel de viver.

Porque pusemos estofos molles nos palacios  
[dourados.

E os nossos pés correram alamêdas  
de jardins de Aladino.  
E os nossos corpos se cobriram de pannos cariciosos.  
E as nossas boccas beberam vinhos que eram  
[boccas diluidas...

Nós temos de escutar nosso irmão, Companheiros.  
Porque elle é o soffrimento deslembrado.

Porque fomos nós que o levámos  
para o profundo sorvedouro  
do Esquecimento.

Nós temos de escutál-o  
e acceitar-lhe as injúrias  
e apresentar-lhe nosso rosto  
á hofetada vingativa.

Para que seu rancôr millenario esmoreça.  
Para que diluam, porfim, os ácidos do ódio  
que ao fundo do seu coração se accumularam.  
E, liberto, elle possa  
ouvir a palavra fresca e nova  
que havemos de dizer-lhe:

a palavra da rememoração infinita:  
a palavra resuscitadora de Deus  
na alma do homem que deixou  
perder-se  
o sentido  
de tudo...

# R I M B A U D

Sobre o caso do abandono da poesia por Rimbaud... Os Franceses discutem, discutem, perquiram, fazem psicologia patriótica e não cortam a questão pela raiz. Ao meu ver ha uma especie de medo nacional de reconhecer que Rimbaud não era, absolutamente, uma intelligencia litteraria. Não era nem mesmo um poeta. Não era nada disso que, em última análise, é regular e normal.

Rimbaud teve lirismo, coisa do domínio do subconsciente e comum a todos os homens. Mas não foi poeta, que é, além de o realizar episodicamente, metodizar permanentemente, esse lirismo interior.

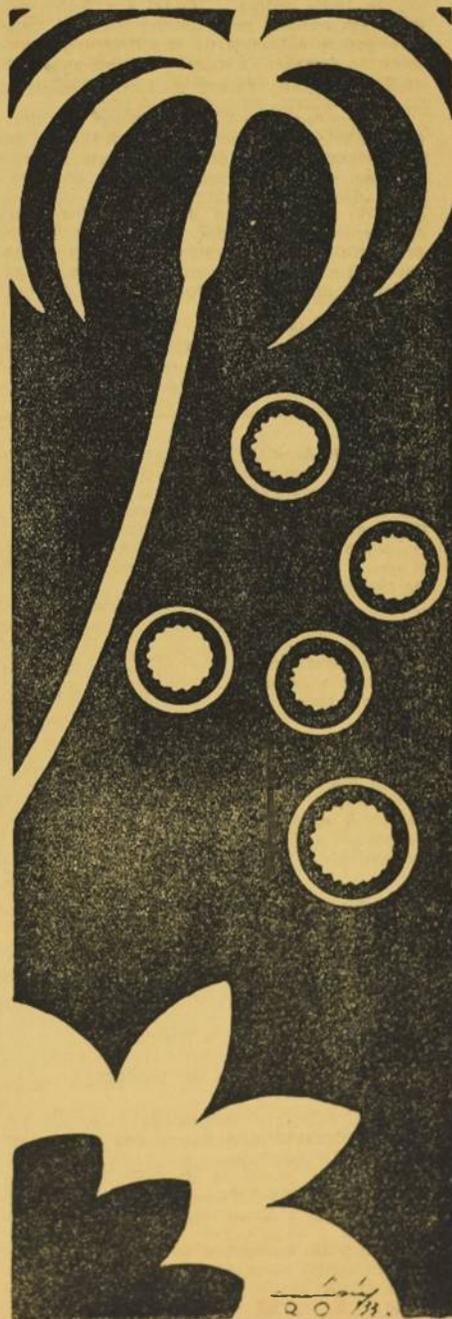
O que não impede que tenha deixado algumas poesias geniais, está claro. Mas os "golpes de genio" nem são tão raros como a gente poderá imaginar e muito menos privilegio de poucos. Todos os individuos desse mundo sofremos golpes de genio, quando premiados pelas circunstancias. Destes golpes, alguns ficam, em pequenissimo número. São os realizados na arte, na história, na sciencia. Porque o interesse humano lhes dá validade permanente. Ao passo que os golpes de genio que comumente praticamos, si não ficam é apenas porque interessaram a uma pessoa só, geralmente a que os praticou. O anedotario dos homens conhecidos está chelo de golpes geniais: "Este é o meu lugar", "S. Paulo não se abaixa", etc. Mas si a gente reflecte com paciencia é obrigado a verificar que o anedotario de nós todos está igualmente cheio de golpes assim geniais. Basta observar ou lembrar o anedotario infantil, transbordante de golpes de genio. É porque certos homens são célebres, que a gente celebra e celebra apenas os gestos e frases deles...

Rimbaud não foi um individuo bem dotado para a arte, nem esta se desenvolveu necessariamente nele. Teve golpes geniais, *Bateau Ivre*, umas poucas "Iluminações", a *Saison en Enfer*. A diferença entre os genios litterarios (e quaisquer outros...) e Rimbaud, está em que aqueles metodizam o lirismo interior, desenvolvem as suas qualidades intellectuais, e por isso não se estiolam. A genialidade deles se torna por isso dotada duma especie de constancia, que permanece a vida toda, e só tem os desfalecimentos inerentes aos proprios fenomenos psicofísicos da existencia humana. A bem dizer, todos os seres humanos que passem neste momento na rua Quinze, são genios estiolados... Como Rimbaud. Ele é o caso característico do menino espertinho: brilha muito e vira povo depois. Um mimetismo exacerbado que a serviço duma sensibilidade enorme, o transformou de menino espertinho em menino-prodigio. Era um impulsivo, um *enfant de colère*. Era intelligente? Si quizerem, era. Mas uma intelligencia sem fatalidade, uma intelligencia disponível, sem propensão para um determinado municipio da criação intellectual. Vendo-se no meio de livros, quis fazer o que os autores dos livros que lia tinham feito. E mais do que eles. Se encheu anormalmente de leituras abundantísimas, disparatadas, incapazes de indicar uma tendencia, uma fatalidade interior qualquer, e muito menos poetica. Mas quando o mano parte para a guerra, imita:

sente o desejo de partir tambem, parte. Quer-se heroi guerreiro. É a primeira fuga. No collegio é primeiro premio sempre, apesar de vadio. Reputado por todos um az. Valdade. Intermittencia. Coragens voluptuosas que se esgotam rapido. Tudo estímulos enervantes. Aos 15 anos tem uma poema publicado nas *Lectures pour Tous*. É, então, a efervencia maluca de escrever. Lê tudo, Rousseau, Helvetius... São ateus? Se torna ateu e anticlerical. Se torna um fatigado intellectual, principalmente, estado patológico propicio ás libertações do lirico subconsciente. Sabe de-cór os segredos da poetica tradicional. Devora Bouillet, Daudet, Flaubert, Poe, se afunda em vez de se aprofundar, em Proudhon, e escolhe tres deuses detestaveis, Leconte, Banville, Gautier. Rompe de novo a guerra, vem a revolução. Val de novo ser revolucionario (ou antes um revoltado...) em Paris. Mas era creanca por demais para ser um revolucionario de importancia. Volta, e val se tornar por acaso o revoltado de importancia! Lê Baudelaire. Já escreve coisas que procuram a excepção. Pela excepção... Entre elas provavelmente o soneto "Voyelles", tão famoso como insignificante (no valor de poesia, entenda-se), que ele mesmo confessou invençionice pura, na *Saison en Enfer*. Os poemas em prosa estão na moda, faz poemas em prosa. De repente se mete num projeto de Constituição politica, imitando Rousseau, se inspirando em Helvetius, atordoado pelos ecos de Proudhon. Se deseja sociologo. Se cansa. Abandona a Constituição, dando um bom exemplo aos brasileiros. E agora é o contacto com Verlaine, *Poèmes Saturniens*, "viens chère grand âme, on vous appelle, en vous attend"... E então é que, premido pelas circunstancias, desculpem, Rimbaud escreve o *Bateau Ivre*. Primeiro golpe de genio. Premido pelas circunstancias felizes. Depois são as loucuras, os escandalos, o ambiente esquentado dos poetas "malditos", as esquentadissimas ambições... "C'est Shakespeare enfant!" lhe diz Vitor Hugo — o que macacos me lambam si não é burrada gorda. E escandalos e viagens. Viagens e escandalos. A ruptura. O tiro. Quando sara, escreve a *Saison en Enfer*, seu maior golpe de genio. A mãe de Verlaine, a ruptura, o tiro, a doença no hospital: — premido pelas circunstancias infelizes. Publica, então, o seu primeiro livro de versos que passa inteiramente despercebido. Tem má reputação. Alguns já fogem dele. Não luta. Se desinteressa de repente de tudo e quer abandonar a litteratura. Mas na verdade a litteratura é que o abandona. Rimbaud está com 18 anos, idade em que o moço principia se refazendo das fraquezas naturais deixadas pelo crescimento, idade de normalização do ser, em que o principio fecundado, o homem, calmamente devora o principio fecundador, a crianca. Era um impulsivo. Continuará impulsivo. Era um aventureiro. O será sempre. Era intelligente? Terá sempre a intelligencia burguesa dum homem comum. Aprenderá varias linguas, o que não é nenhuma Africa. Assimilará facil. E não escreverá nunca

mais. Era um ser fatalzadamente artista? normalmente artista? Era psicologicamente um poeta? penso que não.

Todas as suas qualidades e defeltos permanecem, transformados apenas pelo manejo da idade e das circunstancias da vida. Mas não escreve mais versos nem constituições, e não terá mais golpes de genio permanentes através do tempo. Teve-os na anormalidade do menino-prodigio, mas o menino-prodigio se acabou. Ficou o homem quasi normal, como todos nós, e sem genio, fisicamente forte, possante mesmo, dizem. Que será o caixeiro-viajante, empregado de escritório, negociante de café, eu, tu, êle.



# um poema sobre á sombra do himalaya a atlantida

Dario Vellozo tem prompto um poema sobre a Atlantida. Um poema épico, em sete longos cantos, afóra um prelúdio e um final.

Trabalho dos sessenta annos de idade: — o singular aêdo symbolista preservou magnificamente o frescôr de alma e a rijeza do corpo ao influxo do clima suave do planalto paranaense e de uma vida de harmonioso recolhimento. O poema de agora é, por certa face, irmão de outros dois poemas anteriores de Dario: *Alma Penitente* e *Rudel*. Nos tres, vibra violenta a suggestão do passado lendario. Em *Alma Penitente*, as vozes que falam são da India antiga. *Rudel* é a lenda medieva aproveitada por Edmond Rostand (posteriormente a Dario) na sua *Princesse Loiraine*. *Atlantida* é o velho sonho que, desde Platão, ou de antes delle, vem preocupando os historiadores, philosophos e poetas.

As concepções de Dario Vellozo têm muito de abstruso. Secretamente influídas, no seu estremecimento de belleza, pelo espirito christão, afastam-se por influencia de estranhas ideologias, das immorredouras construcções do Christianismo. Mas fica-lhes, ainda, o encantamento evocatorio. A *Atlantida* de Dario leva-nos para um passado de ha onze mil annos. E acorda-nos outra vez no espirito a ansiedade do conhecimento das origens.

O poema é difficil. Hermetico, por vezes. Todo chelo de allusões incláticas e cabalísticas. Ha nelle, porém, fragmentos longos que fluem com espontaneidade delictiosa:

"A Raça de Azeviche que, primeira Da especie humana, o globo dominou, Inventou o machado, abateu a palmeira, Em troncos fluctuantes navegou; Fabricou a proga, a sirga, o remo, O côvo, o harpão, a flecha voadora, O arco e o tacape... Foi de extremo a extremo Do Continente,  
— Ora, a rumo da estrella matutina,  
Ora, a caminho do Occidente,  
Na ansia perturbadora,  
Intensa, estranha,  
De correr a campina  
E subir a montanha.

A caça, a pesca, o pastorejo  
Levaram-na através de serras e brejaes...  
Ignota força a impellia:  
— O Desejo...  
Desejo de conhecer, de dominar,  
De possuir a Natureza,  
De usufruir a terra e o mar.

Marginou grandes lagos  
Sombreados de fetos,  
No emmaranhado dos juncaes,  
Ora envoltos em névoa, ora em tons vagos,  
Ou desvendando, á luz do dia,  
Suavissimos aspectos,  
A belleza  
Dos matizes, as tintas, a harmonia  
Dos panoramas,  
Os prelúdios nas copas dos pinhaes.

Para acirrar a curiosidade do futuro leitor de *Atlantida*, devemos revelar que o poema, de tão longinquo e estranho thema na apparencia, constitue, de facto, um grande canto ao destino total do Brasil. Entende o autor que o Brasil central participou da Atlantida. O autóclope de Lund, ao seu dizer, é um dos ancestraes da raça atlante. E no seu sonho generoso, ao Brasil está reservada missão suprema na historia da humanidade.

Ninguém que se não comova, lendo, contrito e sincero, o que foi a vida dese extranho bandeirante do misterio indú, esse glorioso "swami" Vivekananda, que na Terra se chamou Narendranath Dutt.

O Buddha clinostatico da China, o Mohamed patriarcal da Arabia, o Sivah transcendente do Indostão, o Manú sapientissimo do Pendjab, e o proprio Ramakhrisna sagrado, bebedor de luz nas fraldas do Gaurizankar, nem um deles, teve existencia mais luminosa e mais pura. Renunciar á Terra para encontrar o Deus, tal foi a dinamica tragedia hieratica do dominante levantador da India.

Renunciar á Terra, servindo aos homens. Orientando-os no trevoso evoluer dentro do mundo. Pondo-lhes nas mãos, terno e viril, imenso e sacrificado, a pira onde arderiam egolsmos e palções, de onde subiria em dança, a fumaça libertadora e augusta. Assim defrontariam o Deus, esse Deus inefavel e onipotente, que vive em nós mesmos, a esperar.

Vivekananda misturou-se á plebe das margens classicas do Ganges. Visitou, com os seus "sannyasins", as cafurnas perdidas do Bhrama-putra, de onde surgia como evocações psalmódicas, a ferida róxa dos lotus.

Para sentir o Céu, ele olhou para a Terra. E gemeu, como um cantaro vasio, entre os parias moribundos. E perlustrou, humillimo, pequenino, a grandêza esfarrapada das castas inferiores. Ele, que era um "Kayastha", que provinha de um tronco de guerrellos, á sombra de Gautama, nascido rei, poeta, nos longos olhos negros e lindos, pensador nos temporaes constantes que lhe atritavam o intimo sem sombras, sonhador e genio, afaçou, com as mãos fortes de atleta, a cabeça dos desgraçados, que ficavam a apodrecer, cobertos de moscas, nas estradas de Bombay. Foi o itinerante da Dôr e a sintesi do sofrimento indú.

O orgulho de sua ontogenese tartara curvava-se como um elefante ás mãos de um domador, ante o inenarravel padecimento coletivo.

Esse misterio nós não o entendemos. A alma occidental, crivada de dôres objetivas, não compreende o drama subjetivo do Oriente.

Dez mil annos dormiram sobre o coração de Vivekananda. Com uma flôr de lotus reabriu-se o musculo do sentimento, tangido pelo chôro milenar das sub-raças oprimidas.

O chamamento da Terra electrizou-lhe os tendões e acendeu-lhe o cerebro. O fôgo triunfal da libertação, borbulhando em seu sangue, tomou-lhe o corpo e incendiou-lhe os olhos infinitos.

E o "swami" partiu no delirio extra-humano de encher com a dôr dos homens o cantaro insondavel do seu peito. Rastrelaram-se de sangue os caminhos hirsutos. Manchas de lagrimas se eternizaram nos lagêdos dos rios e na lousa dos sepulcros. Como um profeta, levou ele, aos confins das cordilheiras, a verdade da vida e a grandêza do Homem. Como os caravaneiros que se ajoelham, orando a Allah, nos areiaes de Biskra antes de penetrarem nos desertos, ele se concentrava nas clareiras, elevando pelo nome de Deus a força dos homens antes de ingressar nos "Kraals" da "Jungle".

Em Hatras, polsou os labios na face de Sadananda, discipulo e iluminado. Depois de adoecer, agredido pelo veneno dos pantanos da India, teve de voltar a Calcutta. Pela enorme tenda dos Vedas, esse Dekkhan memoravel e eterno, passelou ele, as feridas das plantas incansaveis. Vio, chelo de alegria, a unidade etnica do seu Paiz. Mongões, dravidianos e arios, vio-os todos unidos no sentimento místico de Bhrama. Isso exaltou ele, numa predica, aos pés de um baobab de um milenio, para os apostolos de Baranagor.

Quando, em 1889, no Brasil se proclama-

va uma Republica de humorismos e chalaças, ele trazia de Ghazipur, uma nova intuição do evangelho da humanidade. Entrou em todos os templos. Ensinou em tocos os logares. E meditou.

Em Agra, chorou como uma criança, diante da revelação da grandêza mongólica.

Em Dayodia, num transe de poesia oimplica, criou de novo a primitiva festa emocional do Ramayana. Em Brindabân, retornou a viver a infancia de Khrishna.

E, chogando ao Himalaya, cercado da lilturgia alvissima das nevadas, como um "guri", meditou sobre os Vedas. De lá, parecia-lhe ouvir a voz melancólica de Keshab Chunder Len, aquelle mago iniciador de seu pensamento, quando uma primavêra de vinte annos azulejava-lhe a alma.

Voltou do Himalaya, sempre cercado dos seus discipulos queridos. Saradananda, Brahmananda, Premananda, Yogananda, Turliyananda, Akhandananda, amavam-lhe as palavras profundas e a supercial virtude de sorrir e de chorar.

Depois do estudo, a acção. Vivekananda falou ás multidões. O seu verbo candente fincou como arcos disparados, na carne do povo descalço, a frecha de um movimento de libertação. A desgraça coletiva armou-lhe a voz e o espirito.

— "A religião não se fêz para estomagos vasio!"

Esta frase incisiva de Ramakhrishna, o Mestre, deslumbrava-lhe o idealismo. *Sêde fortes e viris!* Perdôa-se a maldade quando ela é forte e viril! Porque a força que a alimenta tra-la-á muito breve para o caminho da verdade.

Assim falava o Mestre. A sua Vida toda foi um capitulo do *Paramahansa*. O seu destino foi aquele das agulhas. Olhar a Terra do pincaro para senti-la digna de Deus.

Mas esse Deus não tinha côres, nem partidos, nem differenças, nem antagonismos.

Eram os seus livros de cabeceira, a "Imitação de Cristo" e o "Bhagavad-Gitá".

Ambos diziam do mesmo Deus, da mesma força. A unidade matematica traduz no indivisivel de sua formula a noção cosmica do "swami".

Rolland sente, através da cerebração do genio renunciativo, que o rio Jordão desembocou no Ganges. Tudo é a mesma agua, feita de inumeras gotas. O conjunto é o organismo divino. Eleve-se o homem e ele se sentirá erador e criará. Dê-se o pão que mata a Fome e a Sabedoria que satisfaz o espirito e o Homem se sentirá do tamanho das estrofes dos Vedas.

Vivekananda combateu pela liberdade material e moral do seu povo. Antes de Ghandi, o "mahatma", já Narendranath Dutt, o "mahadéva", predicava aos indús a chave da alegria independente.

Pelo combate sem miserias. Pela violencia sem injustiças. Pela batalha sem covardias, nem traicões.

Educando, cultivando, alimentando, erguendo nas arquitraves de uma sabedoria pura, o monumento de uma India nôva e intangivel.

Andou, como um peregrino do pensamento por todos os recantos de sua Nação.

Em Khetri, onde aprendera Sanscrito e onde o Maharajá o batizou com o nome de guerra; em Ahmedabad onde havia completado a sua cultura mahometana e jainista; em Porbandar, onde trabalhou com Trigunakita, o tradutor dos Vedas.

E em Rajputana, em Alwar, em Jaipur, Kathiawar, Junagrad, Dvaraka, Palitana, bela pelos seus templos, Baroda, Poona, Hu-chuow, Madura.

Por todos os lados disseminou a palavra

(conclusão na pagina 14)

ramayana de chevalier

# SAFRA RECENTE

## pensamento

Nestas pedras, caiu, certa noite, uma lagrima.  
O vento que a secou deve estar voando noutros países;  
o luar, que a estremeceu, tem olhos brancos de cegueira:  
e esteve sobre ela, mas sem vêr seu esplendor.

Só, na morte do tempo, os pensamentos que a choraram  
verão, junto ao universo, como foram infelizes,  
que uma noite, uma lagrima levou a vida verdadeira,  
com seu grito de sonho e seu tímido amor.

1934

*Cecilia Meirelles.*

## a caricia eterna

Sêdas macias,  
da côr das chammas.

Sêdas macias como os silencios  
Que precedem a morte.

Macias  
como agonias.

Sêdas da côr das chammas vão e veem sobre os degrâus  
[do Templo, e ondulam  
como aguas somnolentas, sobre os corpos  
da multidão, que chega.

A multidão anda sem ruidos,  
de passo e gesto enlanguecidos.

As suas mangas longas  
lembram ondas de fumaça.

Ouve-se em tudo essa crepitação surda e soturna  
que ha nos anneis de uma serpente que se move.

Pulmões que chiam,  
sangues que arquejam,  
dentro da vasta sombra attenta e afflicta.

A Eternidade está de rojo  
na penumbra, que estala  
como o fumo do incenso.

Mas, de subito, o gongo estruge e ronca e soluça e se abysma  
num signal cavernoso.

E o Templo todo cae numa angustia tão funda  
que todas as respirações se calam,  
todos os sangues pãram nas arterias.

A Morte sae da sombra  
e põe-se a deslisar entre aquellas cabeças...  
de cabeça em cabeça...

Ha um arrepio de desgraça;  
palpita no alto uma caricia eterna.

O deus dos Mortos beija a multidão... e passa...

*Padua de Almeida*

## parábola do filho pródigo

Espio a sala quieta, neste instante.  
A secretária pâra os dedos no teclado.

Este cliente cheio de negocios  
que fala por cifrões  
e tem pregões de bolsa  
em cada exclamação  
me dá saudades de mim mesmo, menino.  
Saudade do estudante melenudo  
e lyrico  
sahido do internato religioso  
cheio de premios e medalhas  
para a dominação da cidade reverente.

Ha muitos annos que não leio um poema!...  
E ha tantos annos que não experimento fazel-os...

Tenho vontade de voltar chorando.

Vou tentar um poema!  
"Amigo  
Si não liquidar dentro de cinco dias  
Serei forçado, a contragosto..."

Não é isso...  
Eu nem sei mais ser filho pródigo, meu Deus!

Em Janeiro de 1935

*Cardillo Filho.*

## na rua

Ella, de passo ligeiro,  
assim, de quem vae ao trabalho,  
arranca umas notas gritantes  
do teclado alegre do dia.

E' a exclamação de um poema.  
É a exclamação de um poema.  
Um pedacinho de sól.  
Espanta os olhos da gente,  
que ficam como estrangeiros,  
quando descem para os caés.

Brinca-lhe dentro da blusa  
o corpo, que é uma inquietude.  
Uma alvorada gaiata  
que accorda e esbate na seda  
todo o aroma de um rosal.

O sangue sóbe-lhe ao rosto  
vermelho como um garoto  
que subisse cantando  
os ramos  
de pecegueiros em flor.

E a gente fica pensando:  
— O que passou foi o bando  
Das manhãs todas do céu

*Francisco Karam*

## poema

Para além de tuas retinas,  
 Rolam mundos ignorados  
 Onde anjos enormes eternamente cam-  
 [peiam,  
 Com espadas de fogo na mão.

Mas, eu irei até lá, minha amiga,  
 E afugentarei com palavras imperativas  
 Esses dominadores de teus recessos.

A transformação será esplendida e defi-  
 [nitiva...  
 E, da fusão desses mundos ignorados,  
 De que és feita,  
 Nascerá um Novo Mundo  
 Onde eu serei o único Senhor.

*Rosario Fusco*

## s. francisco de assis

Quando se consumou no Calvário o  
 sacrificio supremo,  
 A cruz erguida para as nuvens escuras,  
 A cruz levantada, no cimo, entre plúm-  
 beos véus de tormenta,  
 E o Corpo branco que sangrava, pregado  
 néla,  
 — Jesus Crucificado uniu nêsse instante  
 o céu á miseria da terra,  
 Para que os homens pudessem lavar-se  
 naquele sangue.  
 Subir por aquela cruz,  
 Chegar, enfim, ao céu.  
 Para ratificar a sua aliança,  
 Quíz o céu repetir, no alto de outra  
 montanha, o espantoso sinal,  
 E a um pobrezinho que ensinou aos  
 humanos a lição da divina pobreza.  
 A êsse que tem filhos nos suntuosos  
 palácios e nas choupanas humildes,  
 Que a reis e imperadores  
 Fez viverem, apesar da pompa das rea-  
 lezas do mundo,  
 De alma simples e nua,  
 Como deante do bispo de Assis o filho  
 de Pedro de Barbarone,  
 — Áquele pobrezinho foi confiado a  
 missão de assinar, pela segunda vez.  
 Êsse pacto de sangue e de vida entre os  
 homens e Deus:  
 Na luz verde de aquário da silente  
 madrugada do Alverne,  
 De repente nova luz, cegadora, tornou  
 pálido o brilho das estrélas dispersas,  
 E Francisco chorou de alegria  
 Porque vieram imprimir-se na carne do  
 seu corpo despresado  
 Os cinco selos indeléveis do grande  
 sacrificio de união.

*Lacerda Pinto*

## o homem e a terra

Sobre a terra arroteada com os nervos do homem  
 Sobre a terra regada com o suor do homem,  
 Fecundada com a carne e o sangue do homem,  
 O homem se inclina, maravilhado!

Na terra negra e opaca que o sol aquece e doira  
 Refloriu a vinha! O pão branco e virgem  
 Ao gosto do vento balouça os pennachos!  
 Fructos saborosos, doces e redondos,  
 Oblongos, luzidios, frescos, sumarentos.  
 Acariciam seu olhar guloso,  
 Enchem sua bocca da agua do desejo!  
 Nas varzeas distantes as flores polichromas  
 Enchem de perfume suas narinas soffregas  
 E sua vista dança um bailado irado  
 No tapete das côres...

Pensa o homem lembrando a casa tosca e humilde,  
 Quasi nua, polbre, friorenta e exigua:  
 — Quando será esse thezouro immenso  
 Igualmente partido entre seus donos  
 E aquelles que á canção da enxada de aço  
 Fizeram-n'a florir, fructificar?!

E a terra indifferente, rasgada em flores mil e  
 [em fructos mil  
 Abre as messes prodigiosas do seu ventre uber-  
 [rimo...

*Eduardo Tourinho*

## requien

O coração dos homens empederniu.  
 A vida se encrespou como um mar em resáca.  
 Alguns espiritos ainda cantam,  
 Isolados e loucos na loucura immensa.

Musculaturas em tensão continua.  
 Braços e Maquinas no duelo da agonia.  
 Ó o meu grito,  
 O grito que eu tinha na Bocca para Deus?  
 Morreu como um gemido inutil.

Como mortifica a aspereza dessa luta  
 Universal — sem pausa e sem desfecho!  
 A vida, multiplicando-se a si mesma,  
 Carrega-nos como folhas, como espumas,  
 Cada vez mais imperiosa, volumosa  
 E irresistivel.

Num milagroso impeto de resistencia  
 Alguem comanda: resistamos!  
 Essa voz morre como um sussuro ridiculo.

Vão-nos tragar os macaréus.  
 Morramos.  
 Mas cantemos ainda — ó loucos nus —  
 O nosso canto oracular.  
 O nosso canto inouvido,  
 Belo, profundo, consolador,  
 Como um réquien de naufragos  
 Na hora do sossóbro!

*Wellington Brandão*  
 Minas

## h e i t o r   a l v e s

Um homem sózinho. Uma revista feita inteirinha, da primeira à última linha, por esse homem solitário: — "Electrica". E como simples suplemento a um dos números, um livro completo... "Rythmos da terra encantada".

Heitor Alves era um Quixôte sympathico, cordial, débil, e, afinal de contas, uma creança entusiasmada.

"Verde" e "Electrica" foram dois lindos phenomenos jovens na arisca Minas Geraes. O "Verde", de adolescentes, arranhava um pouco, tinha attitudes e era fartamente apadrinhado pela "antropofagia" paulista. "Electrica", feita em Itanhandú, Minas, por um moço já dorido de experiencias, era mais puramente ingenua, de menos reserva mental, duma abundancia gesticuladora theatral.

Heitor Alves peccava por excesso de sinceridade. Tomava excessivamente a serio o *modernismo*, pelo menos em algumas das suas facetas, e cantou, cantou, cantou a plena voz, como fizeram tantos desta geração. Estes sem tomar certas precauções indispensaveis, não se gastavam lá muito, nas experimentações successivas e contradictorias que iam commettendo...

Heitor Alves, perdido no interior, sem companheiros, explodia em gritos exuberantes, sem medida e termo.

O movimento renovar deve-lhe esse tão pressuroso apoio e a coragem de afirmar lá tão longe que nóva visão da vida e um sonho novo tinham nascido para o mundo poetico. A leitura dos seus versos, feita, agora, passado o ardôr combativo surprehende: — Heitor Alves era tímido, triste. Intimamente, a vida amedrontava-o. Parecia comprazer-se em gritar bem forte... para que se lhe não ouvisse a pobre voz esondida.

Estes seus poemas extrahidos do livro *A Vida em Movimento*, façam ouvir, ainda uma vez, nas paginas de *Festa*, de que elle era amigo destemido e prezado, a voz sympathica que se calou para sempre, a 13 deste mez, nesta cidade do Rio de Janeiro.

....

O HOMEM NOVO accordou do somno de narcotico com que a indolencia do mundo o adormecera, e abriu os olhos para a vida!

Tudo em volta era vida, movimento, alegria, turbilhonamento, tumulto. Na retina cansada, anestesiada de somno, ainda brilhavam os relampagos serodios do dia que morrera... a tristeza pallida das estrellas melancolicas...

Mas nos seus ouvidos os ruidos encantadoramente sonoros de um mundo novo tumultuavam.

Os canarios, sarcasticos, sorriam... de seu somno interminavel de criança taridia...

A madrugada clara, limpida, ruidosa cantava na alvorada de um dia promissor! O HOMEM NOVO rasgou as palpebras num impeto!

E abriu os olhos para a vida: — O SOL! —

....

Do bodoque do impeto arremessou-se ao vôo... Vôou!

Rasgou as azas na tesoura do vento e cortou o espaço... De uma nesga de panno azul trouxe retalhos finissimos

das nuvens altas. Como deve ser lindo, p a s s a r i n h o, o ninho feito de pedaços do céu, todo rendado!

Dorme... sonha o sonho das nuvens faltas...

Que em breve, de cada esfera branca, florirá, num canto lindo de fecundidade, uma estrellinha de ouro de tres pontas. E irão contigo, cantando, pelos ares...!

## p a l a v r a s   a o   v e n t o

Vento peralta,  
que andas, na noite,  
de rua em rua,  
assobiando á tôa,  
todas as portas se fecham com estrondo,  
quando tu passas.

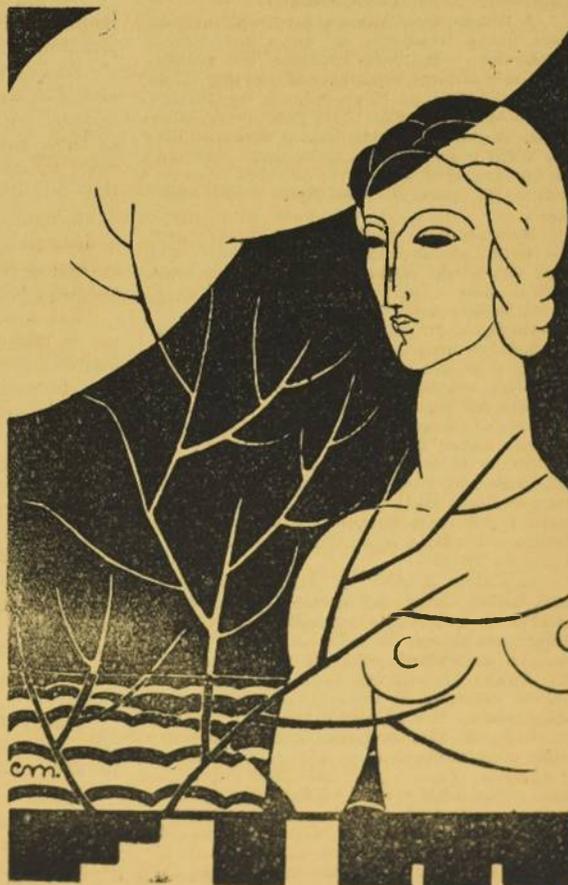
E ha boccas que te exconjuram nos interiores...

Vento vadio,  
abro-te a porta, entra!  
e enche a minha sala do teu ruido  
e dança em torno de mim  
a dança doida que dançavas  
lá fóra,  
na orgia da selva,  
com as arvores bebedas de somno.

Quero me divertir,  
vento estroina da noite:  
meu coração andou correndo,  
em busca de amor,  
toda a cidade,  
e toda a cidade lhe bateu as portas.

Eugenio Gomes

Desenho  
de  
Cecilia  
Meirelles



# SETEMBRO

poemas de emiliano pernetta

Livro posthumo, publicado nas edições "Festa", o intenso orgam literario de um grupo de poetas e pensadores modernos do Brasil, *Setembro* vem trazer á mocidade intellectual de agora a ardente e original floreação de um grande poeta, pouco lembrado neste momento vertiginoso e mediocre de camblos e polltica.

Quando a vaga rebelde da arte symbolista transbordava do século XIX para o actual, entre nós, soprada da França pelos *Poetas Malditos*, de Verlaine e outros inquietos da renovação esthetica, Emiliano Pernetta foi, após Cruz e Souza, a tuba mais emocionante do verso no Brasil.

Paralelamente ao movimento do Rio de Janeiro, capitaneado pela musa excepcional do Poeta Negro e por essa outra mentalidade, original tambem e mais complexa, que foi Nestor Victor, ergula-se entre a "paisagem grega" da terra paranaense a mesma corrente literaria, com origens directas na legião *fin de siècle* de Paris e de Lisboa, com as primeiras edições de Mallarmé, Rimbaud, Maeterlinck, Antonio Nobre, Eugenio de Castro. Curitiba era a Athenas desse ressurgimento, com um hausto de belleza tomado em represalia á tragedia brutal que a torceu em crêpes, da revolução de 1893. Tal qual o symbolismo francez, brotando da alma refeita dos vencidos de 1870, porque a victoria espiritual ainda era da França. Em 1895 criava-se a revista *O Cenaculo*, que em breve concentrou as energias intellectuales da capital paranaense, desdobrando-as em horizontes mais vastos, ao calor das ideias então despertadas no scenario da arte occidental.

*O Cenaculo* era dirigido por um occultista, Dario Velloso, um satanista, Julio Pernetta; um romantico, Antonio Braga; e eu, um pantheista tocado de mysticismo.

A belleza medievalsca do symbolismo foi para nós a irradiação de um vitral, empolgando-nos. Emiliano Pernetta, que participou dos ardores republicanos de 1889, e da turma bohemia de Bilac, Alberto de Oliveira, Paredal Mallet, no Rio, havia depois mergulhado na penumbra de um juizado mineiro. Sahlú d'ahi para tornar á terra natal, coritibana que era, e incorporou-se ao ctado novo, vibrante all, para ser em pouco o seu maior poeta.

*Misticas*, livro de estreia, publicara-o, em São Paulo, ainda academico de direlto. Era uma voz previa do parnasianismo, com alma demals, porém, para enquistar-se na rigidez da "arte pela arte".

Da sua volta pelos *caminhos de San Thiago* daqueles tempos, ficaram-nos *Illusão*, livro primacial do seu ctro de "poeta raro" *Alegoria*, prosa exquística e suave; *Pena de Talhão*, comedia em versos de requintada estrutura.

Agora aparece em volume, *Setembro*, os ultimos versos do grande artista morto em Coritiba, a 19 de Janeiro de 1921. Publica-os um grupo de intellectuales amigos, á frente, José de Santa Ritta, um contemplativo de talento e dos mais chegados á intimidade de Emiliano Pernetta, e mais Andrade Muricy e Tasso da Silveira.

*Setembro* contem os mais pessoas, e mais bellos, talvez, dos poemas de Emiliano. Liberto de inspiraões livrescas, todo voltado para o encantamento lirico da cidade coritibana, a sua cidade, com que povoava a solidão intima de uma existencia de solteiro, de nervos delicados e avesso aos contactos do mundanismo, ahi construiu sua obra poetica, de cunho tão seu, de ansias incisivas, a principio, pelos imprevisos da arte e de profunda e angelica doçura, por fim, pela inspiração mais espontanea e mais formosa dos ultimos poemas. Andrade Muricy, precioso analysta, com alta percepção da beleza, deu-nos, de Emiliano Pernetta, um bem traçado perfil literario, em 1919; e em palestra publica, im-

pressa em 1930, fez uma fremente evocação da personalidade singular do poeta, fazendo-o *viver*, como diria Papini, expando a sua eloquencia de *causer* admiravel e o seu ar irriqueteo de nervoso. Cruz e Souza não tinha horas vagas para a vulgaridade da existencia, o que lhe tornou a vida, já precaria, mais dura e amarga; Emiliano poderá blindar-se melhor para o combate. Dispunha de recursos materiaes e, jornalista, professor, magistrado, facil lhe foi sonhar com mais liberdade; e para fazel-o mais completamente encastellou-se no sereno bucolismo da cidade natal onde se constituiu o faról orientador de caminhos a geraões mais novas, tanto se impunha a sua grandeza mental. E como o poeta Negro, Emiliano era tão integrado nos seus versos, pela continua exaltação de espirito, que nelle, obra e autor, foram um todo inteiro. Do seu antigo *bizarrismo dá bem conta este*

## FOGO SAGRADO

Ao pôr do Sól — que é uma falúia  
De véla para o Pesadelo...  
Calção de rendas amarello,  
Fino gibão, cabeça nua,

Eil-o! Não sei que setestrello  
Cobre-o! Não sei que azul fluctua!  
Montado n'um ginete em pello  
A par e passo com a lua!

Segulu, lgeiro, lgeiro;  
Fassam cavalo e cavalleiro  
Um rodamoinho de escarcéos!...

E' como um cyclone violento!  
Olhal!... Que vão o Sól e o Vento  
Arrebatal-o para os Céos!

*Azar, Hymno ao Sól, Esse perfume, Dom João*, e outras peças mais, de inesperada belleza, opulentam as paginas de *Illusão*. *Setembro*, que dá o nome ao livro posthumo, é um cantico impregnado de quanto ha de luz, de aromas, de sorrisos, em a natureza do planalto paranaense, e em tal frescura de alma que enerbria como um vinho claro e capitoso. *Hercules* são nervos, movimento, haustos de mocidade, esculpindo a força olympica do deus helleno. *Por Maria, Oração da manhã, Oração da noite, Quando Jesus nasceu*, que fecha o livro, são poemas para serem lidos em actos de contricção e de encantamento espiritual, tão bellos de realidade humana, das realidades do coração, e com transcendencias de paginas liturgicas.

*Setembro*, o livro posthumo de Emiliano Pernetta, vem acordal-o na memoria dos que sabem sentir e amar a gloria dos Poetas; elle que foi um dos maiores celebrantes do verso no Brasil.

silveira netto

## definição do modernismo brasileiro

Sobre o movimento modernista, no Brasil, o *unico* livro que existe é a "*Definição do Modernismo*", de Tasso da Silveira.

"A Era Futurista que passou"... de um senhor de São Paulo não interessa pelo proprio titulo...

Não importa que se finja por ai desconhecer a obra de Tasso. Todos os conceitos emitidos, em torno da poesia moderna de nossa terra, quando não concordam com as opiniões do Interessante *Fifinho*... repetem o pensamento do poeta do Paraná.

A minha geração, infelizmente, ou anda a falar da poesia proletaria como unica expressão contemporanea, ou cantinha a "ouvir estrelas", com Bilac...

Daí a necessidade da leitura deste volume de 1932 que, ainda, palpita de actualidade, pois esta serenidade de ritmos em que entrou a novissima poesia já se revela no livro, quando se trata da "terceira corrente".

Tasso da Silveira, antes de tratar propriamente do assunto, tão valioso para o futuro, porque, documentado, desenvolve seu pensamento acerca do movimento simbolista, que nem todos os criticos souberam penetrar e ver, que deste ambiente verdadeiramente espiritual é que surgiu Graça Aranha, Euclides da Cunha, o exquisito Augusto dos Anjos; Farias Brito, nosso unoco filosofo; Alberto Torres, o encaminhador das soluões dos nossos problemas e a figura revolucionaria de Jackson de Figueiredo.

Poucos viram como fator relevante, na reaão espiritualista do Brasil, o movimento de que Cruz e Souza é o chefe.

Parece mentira que é sempre revelação para esta terra de Cabral tratar-se do mais poeta dos nossos poetas — o negro Cruz e Souza, que tinha a nostalgia das brancuras...

B. Lopes, Silveira Netto, Gonzaga Duque, Emiliano Pernetta...

Ora, entrando nas tres correntes que romperam com os ritmos cançados: — a primeira — a dos dinamicos, filhos da Europa e de Graça Aranha; a segunda — a dos antropótipos, de que Piolin é idolo e guia e a terceira — a espiritualista, demonstra *documentadamente* a existencia desta terceira corrente que, para Tasso da Silveira, Tristão de Athayde desconhecia e reclamava, na sua ancia de ver como incluso critico que era, a poesia marchar para os seus legitimos rumos.

De fato, o simbolista indagou, disse das sombras que annunciavam a tempestade — a Guerra... E uns modernos quizeram esquecer as consequencias da Guerra e mandaram que os motores accionassem para não ouvir o rumor das proprias angustias... Outros quizeram desconhecer que houve a Guerra... vamos começar do principio... *gente de fóra entrô, trapaiô*... Outros, porém não desconhecaram a Guerra, mas procuraram os novos ritmos latentes em nosso sangue e em nossa raça. E a esta gente pertencem Gilka Machado, o proprio Tasso, e Murillo Araújo e ainda outros, que souberam cantar o mais novo dos cantos novos.

Os poetas modernos citados, Tasso os julga com justiça. Os prosadores, tambem. Barreto Filho, Andrade Muricy, Adellino Magalhães...

Nestas notas rápidas, eu não posso dizer como devia. Mas *Fifinho* por ai já sabe que não são os milhares de filhos de Osvaldo de Andrade, espalhados de Norte ao Sul, os únicos modernos. Porque a Poesia do tempo é aquela em que o artista, voltou a ter "os olhos agolecentes e se encantou de novo com a Vida... Todos os homens o acompanharão!

orlando carnelo

# meia hora com cecilia meirelles e correia dias

## retrato feito ao regresso

Encontro Cecilia Meirelles de retorno de viagem longa: algumas capitais do norte, o Atlantico de occidente a oriente, o velho jardim á beira-mar. A viagem é um renascimento, todos sabem. Em Cecilia Meirelles, foi um grande vento livre alteando a fogueira da montanha. Que surpreendente figura, a desta cantora espiritualíssima e humaníssima. Que surpreendente figura de poetisa e de mulher. É preciso mandar para as forjas do espirito todas as imagens, todas as allegorias, todas as expressões de que dispomos para que outra vez sejam fundidas e moldadas e venham com um timbre novo inaudito. — se quisermos dizer, com approximada justeza, de Cecilia Meirelles. Ella é, de facto, como affirma num de seus poemas, a que dá ás palavras outra pronúncia. Isto é, outra profunda efficácia expressional, outro ardente e transcendente sentido. Não ha olhos que vejam com mais frescor a belleza de tudo. Nem alma que tão fundamente se embeba nas coisas, e as entranhe de si mesma, e as fecunde de sua propria espiritualidade.

Encontrando-me com Cecilia Meirelles depois da viagem, não falei. Fiquei a ouvir-a, apenas. A ouvir as suas mãos, a seus olhos, a sua voz. A ouvir-lhe o ser integralmente. Nella a unidade humana parece-nos mais perfeita do que nas demais criaturas. Ali não ha corpo e alma. Ha uma realidade unica, em que alma e corpo são indiscerníveis um do outro. Não se sabe se a poesia surge da interioridade recolhida ou se do gesto exterior. Da lembrança guardada no recesso do espirito, ou da máscara móbil. Da palavra, que é rio fluindo de fonte occulta, ou do estremecimento das linhas corporaes, construindo-se e reconstruindo-se em mutação perpetua de desenho aos nossos olhos. Cecilia dis das paisagens, dos seres, das cidades que viu. As mãos, os olhos, a bocca operam, ágeis, o milagre. Inverte-se a realidade. O caminho que ella percorreu, percorre-nos por sua vez. As paisagens, os seres, as cidades vêm a nós. Vêm illuminados do deslumbramento da poetisa. Ou deformadas de ironia. Uma ronda de sonho e pittoresco. Aguas surdas de encantamento correndo no amago do que somos. E diante do nosso olhar, que voltou á adolescencia,

o espectáculo da chamma que perennemente nasce e renasce de si-mesma, propondo-nos, num symbolo visível, á alma aturdida, o enigma fundo do espirito criador.

No instante em que fala, Cecilia Meirelles como que chama a si toda a belleza que já produziu. Os poemas de dez annos atras ou de hontem accorrem com o seu prestigio fascinante, e de momento a momento accendem mais a labareda. Vêm as imagens herméticas ou limpidas, as resonancias estranhas, os rythmos ardentemente novos, os pensamentos inesperados de todos os seus canticos de alegria, de soffrimento ou de amor e tombam como um oxygenio dentro da chamma, e desfazem-se em faúlhas innumeraes. E a chamma cresce e queima, e soffoca em torno o ultimo alento e destróe a ultima fibra de tudo o que não seja o sonho que ella evoca, ou, antes, que prodigiosamente re-cria, para encher outra vez o vazio do mundo.

T. S.

—:—

O casal Correa Dias mora num local surpreendente e pittoresco. O morro de São Claudio não vale o de São Carlos em celebridade. É mais incolór, mais urbano, porém a proximidades do "morro" authenticico, com as suas "macumbas" e "escolas de sambas", anuncia-se allí claramente. De volta da casa dos Correia Dias, já topámos com um completo "despacho", de vella accessa e gallinha preta, no eixo da encruzilhada inferior da rua de São Claudio.

É' nessa rua que Cecilia Meirelles e Correia Dias têm o seu lar e a sua officina de trabalho. Do terraço da casa, descortina-se todo o Rio de noroeste, enorme, e tocado de fascinação feérica, á noite. A casa é um pequeno solar, cuja atmospheria interior deixaria totalmente perdidos e depaysés os letrados convencionaes, por um lado, e os cabotinos arrivistas, por outro.

Nenhuma falsa gravidade, antes uma bella lberdade e um espirito ágil, mas, tambem, nada de affectações opportunistas. Livros e desenhos. Dentro dalgumas gavetas estarão os numerosos livros inéditos da insigne poetisa brasileira Cecilia Meirelles. Em grandes pastas, centenas de croquis, de gravuras, cartões para tapetes, cartazes, estudos para ceramica, illuminuras, o mundo magico e sereno da imaginação plastica do insigne portuguez Correia Dias.

Ultimamente este foi tornar a vêr a sua terra, della ausente ha vinte annos; a sua esposa, conhecer o velho berço da raça.

As velhas paredes, de alto-pé direito, ergulam-se sobre largo friso de livros. Sobre a longa estante, objectos de arte. Pela porta aberta, via-se a grande luminária da cidade, diffusa na chuva rala.

— "Vi um luar, em Lamego. Sobrenatural. Mas qual, o Lamego é que era sobrenatural. Tudo proprio, duma propriedade singular, irresistivel. Uma antiga cidade, pequenina, toda de ladeiras toscamente calçadas, e, no centro, o castello. Allí sente-se o que quer dizer o caracter "historico" O passado integro, conservado, parecia, pelo frio terrivel que fazia.

Era um ar *sui-generis*, uma sensação unica. E que, graça naquillo tudo, visto, assim, ao luar. Parecia não ser possivel mover uma só pedra, mexer em nada. Tudo perfeito, inteltrinho, acabado e requintado. Uma alma de sensivel tranquillidade romaneca."

Cecilia Meirelles está de olhos animados, como sempre aliás. Estas notas: sombras infieis, que não tentam recompor o prestigioso monólogo.

Passa a lembrar Guimarães:

"Como si tivessem feito esboroar a montanha sobre a grande planície. Guimarães aninha-se entre os blocos erraticos, paisagem primitiva, que lembra a tradição druidica, gael e os celtas.

"... Coimbra. Lá encontrei uma ardente geração moça: o bello grupo de Presença. E vi o Mondego cheio. Vi Coimbra inundada, o que pôde parecer inverosimel. Aquelle Mondego, fugidio como os nossos rios do Nordeste, ou como o indigente Manzanares, de Madrid, fez-me a gentileza de mostrar-se-me em todo o seu esplendor. Estava terrivel. Em torno da collina celebre, coroada pela millenaria Universidade. Tudo dentro d'agua. A agua do pudico Mondego.

"Morava no Estoril. O ultimo comboio de Lisboa estava a partir. Mal tive tempo de tomar um taxi e de tomar logar no wagon. Logo dei pelo esquecimento: — deixára (onde?) o casaco verde, do vestido, que tinha levado ao braço, ao sahir da festa em que estivera. No taxi, talvez. Não lhe sabia o numero. Mal reparára na physionomia do "chauffeur". O combolo parava num apeadeiro, cinco minutos após á partida, e isso por um minuto apenas. O combolo parado, um automovel ultrapassou-o, quando já tornava a andar. Mal tive tempo de reparar, e cahia dentro do wagon, perto de mim, o casaco de seda verde...

— A honestidade proverbial...

— "Maravilhoso. Aconteceram-me outros casos, não assim notaveis mas interessantes. Lembra-se, Fernando, daquelle gula que nos deram quando viajámos para o sul? Um caso terrivel. Tarde já, num dia escurissimo, de tempo aborrecido. Desembarcámos na estação e fol-nos apresentado o homem. Muito sério e de poucas palavras. Funcionario ferroviario. Cerimonioso. "Vão ter de demorar tres horas aqui, explicou. É pena porque isto é muito triste. Não tem nada que ver."

Não concordel, polidamente.

— "Vamos passear um pouco".

— "Não ha que ver. Não ha passelo. Poderão, porém, vir á minha casa tomar um café."

(conclue na pagina 10)

## meia hora com cecília meirelles e correia dias

(conclusão da pagina 9)

— "Isso o incommodará e incommodará a sua familia."

— "Faço questão. Casa de pobre..."

— "Bem, iremos. Mas nem avise a sua senhora."

— "Está bem."

Subimos por uns caminhos íngremes e enlameados, e chegámos à casa do nosso amavel guia. Sentámos á mesa. Como a senhora não fôra avisada, foi para a cozinha aviar o café.

— "Estão em sua casa. É uma grande honra receber pessoas celebres. É uma grande coisa ser celebre."

"O tom da palestra deixou-me perplexa. Não achel outro recurso que não o de fazer uma modestia constrangida. Que não era tanto assim. Que não se podia viver tranquillo. Que eram só incommodos, na vida publica. Que era preferivel viver obscuramente num pequeno centro ferroviario perdido. Muito melhor não andar em contacto com os grandes da terra. E outras coisas assim importantes, e afinal, horrorosamente immodestas. Mas o homem não queria convir em que não valla a pena ser celebre.

O café chegou, mas nosso hospedeiro disse á mulher:

— "Não tens alguma coisa solida? Elles estão fatigados da viagem e vão ter de viajar novamente daquí a umas horas."

Protestámos energicamente: — não tinhamos fome, e pretendiamos, opporunamente, jantar.

O homem trocou um olhar com a esposa:

— "Temos uma excellente carne de porco fria. Podem provar um pedacinho. Não enche e ajuda a esperar."

Consentimos.

Velu a carne de porco fria. Em meio do trabalho que ella nos deu a mulher lembrou:

— "Temos allí umas boas batatas cozidas."

— "Não. Não é possível. Não vamos comer, pois, depois não poderíamos jantar."

— "Mas forram o estomago. Sabem lá o que irão jantar?"

Vieram as batatas cozidas, porém a mulher não estava satisfeita, com a carne fria:

— "Temos ahi uma carne de porco quente, muito boa."

— "Não podemos comer mais, minha senhora. Já abusámos até."

— "Vae buscar a carne."

Velu a carne de porco, quente.

O homem falava, gravissimamente, das grandezas do genio e das delicias sublimes da vida de notoriedade.

Approximava-se a hora da partida. Jantaramos abundantemente... como si não jantássemos. Jantaramos por insidia e calculo do nosso soturno admirador.

Elle escamoteara-nos, calculadamente, o nosso "jantar em sua casa". Jantar áquellas celebidades, que o Governo lhe encarregára de acompanhar ao Aveiro. Tomei-lhe um mêdo vago. Ia ser noite fechada.

Estavamos pesados do jantar substancialmente em excesso. Iriamos, inevitavelmente, ter somno. E ter de conversar solemnemente com tal compenetrado guia. Impossível.

— "O Sr. tem que cuidar da sua vida. Tem as suas obrigações. Não vae deixar sózinha a sua senhora. Ficamos-lhe gratissimos por tudo, e é como si nos tivesse acompanhado até lá em baixo."

— "Pois não; pois não. Como quizerem." Ao sahirmos elle vestiu o sobretudo.

— "Mas não precisa ir!"

— "Irei só até á estação."

Fôsse como fôsse, o que eu temera realizou-se. E lá estive eu, longas horas nocturnas, ao lado de Fernando que, rancorosamente, dormia, e do homem, que, confidencialmente, longa, longamente, consentiu em dizer que tambem amava a gloria, que escrevia a "correspondencia" de sua cidadezinha para um jornal da capital.

"De volta, andei vendo coisas nossas. Victoria, por exemplo, é uma linda cidade. Pequena, muito menina. Sente-se que será *alguma coisa*. Dallí sahrá *algo*. Uma graça viva.

"A Bahia. E' incrível como fiquei querendo bem á Bahia. Nunca vi terra igual. Perfeitamente. Nasceu feita. A palavra *symphathia* sahiu da fôrma direitinho para a Bahia.

Um mar magnífico, e depois a gente vae entrando pelas ruas mais amavels do mundo. Cada uma que se apresenta parece chamar-nos, como boa companheira: — "Vem cá, meu bem!"

"Meu bem" é a expressão que contém a alma bahiana. É um acolhimento por tal modo total que deve representar algum phenomeno social e psychologico mais profundo e ainda mysterioso.

Hoje, cidade limpa, cidade moderna; mas a Bahia actual tem, sob a alma desportiva de hoje, o bom ademane colonial, e a desenvoltura faceira da authentica moça brasileira. As ruas, as casas, o ar, o mar, as gentes, tudo suggere um cheiro saboroso de especularias e as lentas e sacudidas dansas de Africa.

Aquillo representa uma *cultura*, na acceção propria do termo. Si não, não sei o que *cultura* possa significar: por que cultura é isso, como escreveu Nietzsche: "uma unidade de estylo".

Cecília Meirelles é autora de desenhos que fixam intelligentemente as dansas chamadas "bahianas". Sua exposição de "bahianas", no anno atrazado, foi um successo.

A sua poesia, alta e severa, quasi ascetica, é inteiramente escoimada, apparentemente, de quaesquer dos rythmos barbaros que ella adora. Lá estarão elles, talvez, transfigurados por imperceptível sublimação.

A sua collecção admiravel de desenhos illustrando sonetos de Cruz e Souza, o negro de genlo, mostraram-na interpretando alguns mysterios da insondavel mysticidade negra, que transcende dos blues americanos e dos nossos sambas.

Dahl a Bahia, impregnada de pittoresco, afro-americano, e da bonhomia infinita do Tropic, tel-a promptamente seduzido.

Cecília Meirelles e Correia Dias voltaram

# semana "emiliano pernetta"

Curityba sempre soube prezar eminentemente a vida intellectual. Houve tempo em que todo o Brasil habituou-se a consideral-a uma das suas metropoles espirituales, sobretudo quando ella se apresentou ao palz como o mais intenso *foyer* do Symbolismo.

A belleza suave do scenario natural, um ar leve e crystalina, pomar e jardim, Curityba tem a graça festiva e a seriedade das cidades predestinadas. Só lhe falta o prestigio da Historia. Sente-se, porém, que a Historia está allí em potencia, a sua Historia é o seu futuro.

Emiliano Pernetta foi o seu grande poeta, a encarnação, em pureza, em agilidade, em requinte, em simplicidade da alma numerosa de Curityba e do joven Paraná.

Multiplo, deliciosamente contradictorio, foi o "Mistral Paranaense", como disse Murillo Araujo, um Virgilio americano, como affirmou Hermes Fontes. O seu grande amigo José Henrique de Santa Ritta, que tambem o foi de Cruz e Souza e de Nestor Victor, velu ao Rio promover, com esta revista, a publicação do volume posthumo do poeta: — "*Selembro*", um dos mais bellos livros do symbolismo brasileiro. De volta a Curityba, lançou triumphalmente aquella obra. Curityba soube honrar as suas nobres tradições. Deu o nome de "Emiliano Pernetta" a uma das suas principaes ruas, a do Aquidaban. Os aviões do Regimento de Aviação lançaram cincoenta mil impressos com o retrato do poeta, levando a legenda "Lembrae-vos de que Emiliano Pernetta foi o maior poeta do Paraná", e, transcripta, a magnífica "Oração da Manhã". Isso, e mais: sessões commemorativas, romaria ao tumulo do poeta, homenagens em todas as escolas, em todas as associações; exposição de obras, autographos e objectos de uso de Emiliano; romaria á herma do poeta, na praça General Osorio; além dum vasto e completo movimento jornalístico; tudo constituiu o que foi intitulado "*Semana "Emiliano Pernetta"*", de 19 a 24 de Janeiro, iniciativa que honra, mas em verdade honra a mentalidade e o caracter paranaenses.

para o Rio de Janeiro com fortissima impressão de terem tornado a immergeir na vida complexa, na vida ardua, mas vida cheia e que merece ser vivida, a deste mundo cahotico, anarchico, incommensuravel e fascinador que é o Brasil de hoje.

Isso, depois duma excursão preciosa pelas regiões do passado d'além e d'aquem Atlantico. A inapreciavel pátina da aventura, a redoirar os olhos claros da grande poetisa.

## andrade muricy

# A' S O M B R A

do

## komsomol

O livro que publicou o jovem escriptor alemão Klaus Mehnert — "La Jeunesse en Russie Soviétique" — é dos melhores que se tem escripto sobre a Rússia.

Sympathico ao regime sovietico, sem o querer entretanto implantado em outros países, pois o considera uma necessidade russa, considera a Rússia uma segunda patria, nella tendo vivido muitos annos, entre os jovens, dos quaes participou a vida, auscultou a alma, estudou as preocupações, conhecedor profundo que é da lingua.

O joven domina a vida russa. A' guiza de prefacio ha nesse livro a nota de que "na Russia Soviética vivem cem milhões de moços de menos de 25 annos".

É mesmo como se sabe a preocupação dominante na Rússia a criação de um homem novo, um typo ethnico completamente diferente.

Mas o que é chocante, logo á primeira impressão, é a pequenez desse homem que a Russia procura plasmar. Pequenez de sua estatura, e pequenez do papel que cada um representa.

A nova organização social fazendo do individuo presa do Estado, redu-lo á função de simples dente de uma formidável engrenagem.

Não existe a vida individual, pode dizer-se.

Ao tempo em que o jovem russo faz os seus estudos, deve pertencer a um organismo autonomo o Komsomol que é o encarregado de, não so dirigir os seus passos, orientar a sua actividade na effectuação do plano quinquenal, como tambem zelar por elle, saber das suas necessidades, substituir-se a elle nos seus desejos e ambições pessoais. Ha um flagrante apagamento da individualidade nessa absorpção ao collectivismo integral. Mesmo fóra do Komsomol, nos restrictos momentos de folga, o jovem não tem ainda o direito de ser elle mesmo, sósinho, de meditar, amar ou simplesmente repousar. Nas communas, onde moram promiscuamente, uma infinidade de questiunculas referentes á vida collectiva, á administração domestica, contribuem de modo identico para destruir tudo o que ha de pessoal, intimo, que o homem do occidente possui no mais alto gráu, e do qual é tão cioso.

Na estandarização a que tende a vida russa, e para a effectuação maxima da qual a pedagogia sovietica se esforça, de nada valem as diferenças que os homens apresentam. Ao contrario, o que ella procura é desfazer essas diferenças. Quer produzir homens como se constroem automovels. Os mesmos sentimentos, as mesmas idéas, as mesmas preocupações — collectivismo, plano quinquenal — os devem anlmarr.

Sympathizante do regime, Mehnert cita, affirm de mostrar-lhe as excellencias, um trecho de "Pão", drama de Kirschow, jovem e excellente escriptor popular, no qual elle mostra um revolucionario, que, depois de uma longa estada no estrangeiro, se tornou sceptico e

inquietao, deante da vida collectiva, apparecendo incomprehensivel aos seus velhos companheiros, porque não tem mais forças para deixar o partido, com medo da solidão.

"Imagine, diz Rajewski a Olga, uma multidão, uma multidão lguallzada, estandarizada, com gravatas da mesma cor. A multidão avança na mesma direcção, pronuncia as mesmas palavras, as palavras que lhe ensinaram... Eu não quero ser estandarizado!... Ás vezes reflecto com desgosto que ponho sempre a mesma gravata que os demais. Ha, porém, algo mais horroroso. Imagine, Olga, que a multidão caminhe sem voce. Voce fica só, com seus pensamentos e suas duvidas. E as columnas avançam, avançam, e a deixam atraz. Repetem as suas exclamações, cantam as suas canções. E ninguem se volta para V., e o ruído de seus passos iguaes tem uma significação inexoravel. Eu não posso deixar a columna, não posso ir-me embora. Tenho necessidade de sentir um hombro á minha direita, outro á minha esquerda. Necessito de que alguém me mande. Necessito de um laço que ligue as diferentes partes do meu eu. Caminho e morro com todos os outros. Combato pelo partido. Eu sou um soldado."

Este drama de propaganda da vida collectiva, sáe-se um requisotório impiedoso contra a mesma.

Que de exemplo mais notavel do funesto resultado a que invadirá em breve toda essa estrutura! É o panico da solidão, que sente a alma depois de dissociada de si mesma, desinteriorizada, entrovertida.

Ha uma reacção que já se nota do individuo contra o collectivismo, expressa num desejo de solidão e de liberdade, aqui, como em diversas outras entrelinhas desse livro notavel. Mas esta reacção fica impossibilitada por esse terror da solidão, da alma que, ao voltar-se para si mesma, encontra um immenso vazio.

Não pode ser outro senão de piedade o sentimento que desperta em nós, ao ver declarações como a de um jovem, citado por Mehnert, que diz estava fatigado, e queria viver só. Estava deprimido e já cansado de collectivismo. Na Universidade, ha uma collectividade; em casa, uma collectividade. Queria estar só.

Ha um geral desejo de solidão, de vida individual, manifestado pelos jovens. Parece estarem descobrindo a vida pessoal, a unica verdadeiramente superior, criadora, essencialmente espirito — (Espirito, não no sentido dos diversos espiritualismos, nem tampouco no de simples synonymo de intelligencia ou raciocinio).

O ruído das usinas, o lufa-lufa intenso da vida exigida pelo Estado, não conseguirão jamais abafar os sentimentos naturais, eternos, que habitam a alma humana.

A estandarização, ao contrario do que fóra de esperar, não trará, por certo, a annullação da individualidade, do poder criador, mas o tédio e depois a revolta, do instincto da vida, indissolavelmente ligado á noção da liberdade, contra o que lhe suffoca o elan. Como dizem excellentemente Dupuis e Alex. Marc, a educação sovietica, que não dá nenhuma attenção nem respeito ao que ha de irreductivel e insopitavel na natureza humana, para conseguir-o terá de destruir as antenas do coração e do espirito, essas antenas que são ligadas á carne e á substancia do homem, de modo tão indissolavel, que não é possível suprimil-as sem annullar as fontes mesmas da vida.

Não me é possível comprehender a Russia actual senão como uma etapa. E um grande laboratorio de experiencias sociaes. Tudo lá é transitorio. Lá, como em todo o mundo, nessa angustiosa phase de reconstrucção, nesse "tournant" da sua historia, se plasma a sociedade futura, cuja physionomia não nos é dado ainda prever qual será, em definitivo, embora já se distingam alguns traços.

A Russia marxista, reagindo contra a sociedade burgueza racionalista, serve, por outro lado, para nos mostrar que a vida não é somente o materialismo que ella prega.

Procurando elevar-se contra o supra-racionalismo, não se pode evitar o exagero opposto, a que se deixou cahir — o super-materialismo — sexual e economico.

Falsa é a sociedade supra-racionalista, a sec. XVIII, mas falsa tambem a super-materialista, a Russia Soviética.

A vida não é só a intelligencia, a razão, o racionalismo, que considerava indignas as outras funções organicas. Mas a vida não é tampouco somente o estomago ou o sexo, como querem os apostolos Freud e Marx. A vida é tudo isso, e mais alguma coisa. E tem a sua grandeza a ser respeitada, as suas necessidades a serem ouvidas, as suas misérias a serem veladas.

A tendencia do pensamento actual é esta para considerar a vida total, o homem todo, integral, completo, a pessoa humana, na sua originalidade, responsabilidade, liberdade, espiritualidade, em summa.

Um personalismo espirital nasce da fermentação fecunda que se processa no mundo.

— Setembro, 1934. —

afranio coutinho

# BIALIK

## Sertão de inverno

Nós, frequentemente, julgamos descobrir no canto dos grandes poetas a ressonância dos séculos perdidos. E assim lhes atribuímos a função de porta-vozes das gerações inumeráveis do passado. Mas, caberá, na verdade, tal atribuição, — pelo menos no Ocidente, — a um poeta de outra raça qualquer que não essa formidável raça judaica? Parece que ha razão de duvidarmos. Porque só dentro da perfeita unidade étnica mantida ao prodígio de tenacidade dessa raça, através dos milênios, é que podemos conceber a continuidade de um infinito soluço íntimo, rebentando por fim nas cantigas de um poeta. As outras coletividades raciais do Ocidente como que vêm renascendo outra vez. Interromperam toda comunicação com a alma das origens. Não são mais a realidade primitiva continuada, mas sim, productos de enxertia, precipitados resultantes do grande processo de fusão de sangue que se opera no mundo. Dos seus aédos não podemos, pois, dizer que interpretam a ansia das gerações desaparecidas.

De um bardo, porém, daquela raça única podemos-lo afirmar com segurança. E' o que sucede em relação ao maior poeta judeu deste momento. Haim Nahman Bialik é uma voz da amargura milenária.

Allás, se nos falhasse aquela reflexão biológica, ainda nos ficaria elemento suficiente para sustentar a afirmação. Bialik é reconhecido pelos judeus desta hora como um supremo representativo. "Na poesia hebraica moderna, informa-nos Ovadia Camhy, seu tradutor, Haim Nahman Bialik ocupa o primeiro lugar. Conquistou-o pelo seu talento, pela sua sinceridade e pela sua percepção intuitiva da alma popular judaica. A união destas qualidades fez d'elle o poeta nacional, titulo que brotou espontaneamente da unanimidade hebraica".

Ora, á luz deste dado é que, para uma intelligência cristã, a obra de Bialik toma um sentido impressionante.

Bialik é um dos mais altos liricos hodier-nos. Mesmo através da tradução francesa dos seus poemas, a complexidade dos seus recursos e a profundidade da sua inspiração se patenteariam. Ha, nesses poemas, acentos bióticos directamente oriundos do espirito profético da raça. Ha, se assim se pode dizer, acentos whitmanianos, nascidos do tumulto do presente. E ha ainda todo um puro rumor lírico vindo do coração humaníssimo do poeta, tocado dos magnetismos de beleza das coisas deste mundo. Mas, da polifonia daí resultante, destacam-se claramente, como timbres diversos de dois instrumentos em contra-canto, a afirmação da intelligencia, no sentido da fe tradicional hebraica, e contrariando-a, negando-a, dissolvendo-a por vezes, a afirmação do sentimento amargo, que uma provação milenária desviou para o ceticismo, o desespero, a dúvida...

Num poema de juventude, Bialik ainda assim se expressava:

"... a vida toda se inunda  
De Deus e de sua voz, voz interior, profunda..."

Este canto, porém, de fé confiante bem logo emudeceu nos lábios do poeta. A evocação maravilhada de um passado grandioso ainda exsurge num e noutro poema. E tambem a expressão de amoroso respeito em face de monumentos e instituições da tradição sagrada, o Talmud, a Yeshiva. Mas o profundo fremito já é outro. Após a primeira juventude, vivida no sofrimento, mas animada de esperança, o poeta conheceu um dos momentos mais trágicos do seu povo. Conheceu a Rússia de 1903, em que "perto de sete milhões de judeus viviam no terror de um regime de intolerancia, de perseguições e de pogromes".

"Esta vida infamante — escreve o illustre interprete de Bialik — levou o seu desespero ao paroxismo e é um trágico conflito o que rebenta entre a sua vontade de agarrar-se a uma

proteção divina, a uma justiça imanente, e o seu sentimento de vazio total".

Desespero, na verdade. Não apenas revolta, contra a contingência de transitória situação esmagadora. Não apenas impaciencia pelo destino terreno da raça. Mas desespero de uma libertação final — desesperança de um destino eterno.

Já em 1901 transpunha o poeta, em versos, um sentimento de lassidão tão fundo que se diria superar tudo o que no mesmo sentido expressaram os poetas do tédio da linhagem baudelaireana:

"Os carvalhos disseram-se, balouçando-se:  
"Vem apodrecer e repousar á nossa sombra.  
Esta sepultura e este pó  
Foram feitos para supprimir todas as misérias.

Alguns anos mais tarde começa o poeta a entoar um cantico ininterrupto quasi de imprecações e maldições, ás vezes de uma efficacia expressional que nos gela o sangue. Estou sem forças, clama o poeta, não tenho mais esperança... Até quando? Até onde? Até quando? E, se implora ainda a piedade dos céus, se lhe invoca a justiça eterna, é para exigir que ela se mostre imediatamente. Porque,

"... se, para aparecer, ela espera que eu tenha  
[desaparecido],  
Que o seu trono para sempre tombe  
E pereça o céu na sua eterna iniquidade!"

Nas suas maldições, é que, sobretudo, ressurge a voz dos profetas. Resurge, no entanto, como um eco vindo do fundo do abismo. Porque essa voz amaldiçoava, em nome de Deus, os que se esqueciam de Deus. Bialik, em nome do seu povo, amaldiçoou os outros povos. E amaldiçoou a Deus, que se esqueceu do seu povo. Mas o instrumento resoante de que, nos profetas, se servia Deus, e ainda o mesmo resoante instrumento de que, no poeta de hoje, se serve o espirito de negação para vibrar os seus tremenuos acentos de angustia revoltada. Mostram-no perfeitamente estes dois anátemas terríveis, tirados de dois poemas diversos de Bialik:

"Possa o sangue abrir o caminho para o abis-  
mo  
E lá no fundo, no Immenso império das trevas,  
Roer os fundamentos apodrecidos da terra!"  
Possa a vossa dor, no coração d. universo,  
Acumular-se sem cessar.  
.....  
Possa esta dor sem nome e sem patria  
Erguer-se em testemunho de vossa espoliação  
E gritar para o Sheol e para o céu que im-  
peçam  
toda redenção do mundo dos pecados!"

Para uma alma cristã, contudo, o mais impressivo dos seus poemas, e o mais cheio de misterioso sentido é o que ele intitulou: "Chamal as serpentes". Cantico doloroso em que o poeta se funde com a alma do seu povo, para sentir-lhe o amargor supremo, e, a um só tempo, como que lhe sobrepaira em singular attitude de objectividade, esse poema dá do povo judeu neste instante quasi a mesma visão que dele têm os olhos banhados do clarão novo do Evangelho. "Chamal as serpentes — diz o poeta falando a Israel — e que elas propaguem nossa cólera até os continentes da terra! Porque fostes lançados ao deserto, jogados sobre a pedra do rochedo. Em torno de vós se extendem silenciosas nuvezes eternas... — Esqueceste as florestas eternas, o surgimento das fontes e a sombra fresca da Arvore da Vida. Devorastes até as migalhas da vossa alma... — Chamal as

Luiz da Camara Casando, publicou, recentemente, um opusculo: — "Viajando o Sertão".

Esse moço é uma das vozes livres do Brasil. Lá do Rio Grande do Norte faz ouvir bem nitidos os acentos dum espirito cordial. Outro dia era critica, o que elle nos mandava. Depois, foi uma dessas monographias historicas, que estão na moda: "O Conde d'Eu". Agora conta que andou pelo sertão, 1.307 kilometros, e isso de automovel, de auto-de-linha, de trem, de canoá, de rebocador e de hydro-avião.

O que elle trouxe dessa viagem, poderia parecer surpreendente, si não representasse, na realidade, somma de observações e de estudos anteriores. Este opusculo de cincoenta paginas condensa, allás, de forma agradável, materia de grosso volume. Cada capitulo, breve sempre, e cheio de substancia, representa um fastigio de vitalidade, ou, quando menos, sempre ensina alguma coisa.

Na dedicatória, o autor passa por sobre a expressão: — sertão de inverno. Titulo para um livro que Luiz da Camara Casando poderá escrever. E' o tropical sertão no seu periodo de abundancia, o pullulamento da vida sob o afflugo das aguas do céu. A "primavera" dessas latitudes mornas. Primavera, porque o sertão de inverno, no Sul, é a extensão deolada, rebrilhante de geada ou recoberta de nevoa espessa, varrida pelo minuano e pelo pampeiro rispídos. A gente é, em essencia, a mesma, porém, condicionada por um habitat, mais generoso, de uberdade eterna, menos melancolica, por isso. O sertão tropical, que Luiz da Camara Casando viajou não tem o fluido e casto sabor do matte, mas a densidade voluptuosa do cacáu e o cheiro obsidente do caldo de canna fermentada.

No meio da literatura regionalista, cada vez mais sensual, sensual até a morbidez, o breve relato de Luiz da Camara Casando é facil, de pittoresco ligeiro, de esfusante bonhomia.

aguias, e que elas levem até ao coração do céu vosso vivo clamor! Porque o vosso deserto foi um dia atravessado de ventos e de nuvens vindos de regiões longinquoas como embaixadores de libertação... — Então abristes para as nuvens braços supplicantes, vossos olhos imploraram do céu a chuva. Mas, ah!, as nuvens benditas se afastaram e levaram o seu tesouro para outras regiões... — Então, a prece ultima que tombava dos vossos lábios se transformou, de subito, em maldição. E desde aí procurais em vão a morte, vos a procurais em perpetuos gemidos... Chamal as nuvens e que elas levem os vossos sofrimentos por sobre os oceanos imensos!

Este o cantico, — que traduz apenas em seus fragmentos principais — entoado no ano de 5666 (1906) da criação do mundo, cerca de dois milénios após o advento de Cristo, pelo poeta que a unanimidade judaica reconhece como seu grande aedo nacional e ao som de cujos passos — como escreveu Jacob Richmann, — "todos os poetas se calaram, interromperam seu canto e desceram discretamente da tribuna"...

Se um aedo de Cristo desejasse lembrar ao povo judaico o seu trágico papel no drama divino da Redenção e quisesse mostrar no seu destino posterior de dispersão e sofrimento, de vacillação e de dúvida, de odio e de desespero um testemunho do erro infinito cometido — não poderia perfeitamente entoar esse cantico?

Sim, Israel, estás sedento. Mas as nuvens benditas levaram os seus tesouros para outras regiões. E em torno de ti se extendem silenciosas nuvezes eternas...

T. S.

# No circo sem tétó da amazonia

Ramayana de Chevallier poderia ter nascido para *genio* como o seu prenome parecia predestinar. Poderia ter desandado em *literato*, no sentido depreciativo que esta epocha pródiga val attribuído á literatura. No caso, porém, o "Ramayana" indica apenas um entranhado amor á cultura, em familia de gente sem falso amor proprio.

José Chevallier não quiz crear um novo Chapelain, o pobre poeta do Setecentos, forçado a preparar-se para ser o grande cantor épico de Joanna d'Arc, e que foi apenas, e não é pouco, um homem de espirito, e um Homero falhado.

Ramayana de Chevallier vem agora da Amazonia, e lá do fabuloso Acre, com um volume regorgitante de infinitas experiencias. "No circo sem tétó da Amazonia é uma dessas obras que parecem representar globalmente todas as virtualidades do seu autor.

Como uma *Chanaan*, por exemplo. Dir-se-la uma *summa* de tudo que Ramayana sabe, de tudo que sentiu, herdou e advinhou sobre aquelle mundo terrível, e formidável fastígio da hydrographia planetaria.

Livro irregular, tortuoso, caótico, por vezes, mas tenso e rijo, firme de andadura, como um potro selvagem. Através da selva prodigiosa, do inextricavel tecido das lianas, por sobre os furos, os paranás, dentro da vertigem nauseante e visguenta da febre immemorial, esse quasi menino vai rompendo, haurindo, cheirando, arranhando-se, com o ímpeto intímorato do creador.

A Amazonia já originou forte literatura. Depois do ensaio classico genial, de Euclides da Cunha, depois do baptismo definitivo do *Inferno Verde* por Alberto Rangel, autor das bellas *Sombras n'agua*; depois das monographias tão ricas de Raymundo de Moraes (*Na planície amazonica* e *No Paiz das Pedras Verdes*), depois do ensaio notavel de Araujo Lima (o mais completo que possuímos); depois de *Terra Imatura*, o admiravel poema de Alfredo Ladislao; depois de *Cobra Norato*, em que Raul Bopp gravou inesquecíveis aguas-fortes; depois disso tudo, e do mais que ha (por que não lembrar o ensaio malgrado, mas chelo de selva, e tão curioso, que é *O Missionario*, de Souza Bandeira; o *Paçoara*, do patriarcha Rodolpho Theophilo; os bons contos de José Veríssimo; e a agradável fantasia, á Pierre Benoit, *Amazonia Misteriosa*, de Gastão Cruls?), e que é bastante, depois chega, sem ruido, este livro de Ramayana de Chevallier.

Abre-se com desconflança. A Amazonia, está visto, não é mais, propriamente uma novidade. Além disso o autor explicou em sub-título á boa maneira dos naturalistas: — *O drama social dos seringaes*. Logo se fica á espera do quasi inevitavel desastre: — da irrealização quasi fatal da obra de these. Neste momento, sobretudo, o caso fica muito sério, por que o seringueiro é, afinal de contas, operario, e a obra vai ser, inevitavelmente, incorporada á *literatura proletaria*.

Drama social, quer dizer, drama eschematico, drama standardizado.

Vae-se, porém, ler este *Circo sem tétó da Amazonia* com a desprevenção que merece qualquer obra sincera. No fim, pergunta-se onde o drama social, onde a these.

Onde se diz these, diz-se intenção. Intenção existe, super-abundantemente, nessa obra. Mals do que isso: um completo repertorio de terminologia medica de technologia geologica e geographica, um apparatus vultoso de anthropogeographia e de anthropologia americana; afóra a psychanalyse e toda a modernidade da psychologia. Ademais, ensaios compactos, como os capitulos: — *O cenario*, *Anatomia Hydrographica*, *Morcego humano*, os primeiros quatro numeros de *Mucura*, os numeros finaes de *Escravatura Bronzea*. Ensaios em que um sopro carlyleano, através do nosso Euclides, levanta um épico da terra e da gente dum universo em ple trabalho horrivelmente doloroso de parturiente.

Ramayana de Chevallier, nesse livro, apresenta aquella opulencia de requinte que caracteriza as artes barbaras, o Oriente, e as perdas facels, jubilosas, da rica adolescencia. O ensaio anthropogeographico, nesse livro, é bello, palavroso, alta essencia da planície-rainha, batendo as myriades de folhas farfalhantes á brisa rara. A expressão incrivelmente propria, galada por um sentido agudo de plasticidade e de chromatismo. Seria interessante ennumerar as variantes de que usou Ramayana para exprimir a individualização das correntes pluviales. Isso bas-

tára para evidenciar a numerosa imaginação do jovem escriptor. Os pequenos quadros, a cada passo, são, muita vez, impressivos, duma justeza de *racourci* excepcional.

Em obra abundante, excessiva como essa, o perigo é o de ficar indigente, si despida dos pannejamentos sumptuosos. Ha muito epitheto, alli, provindo de simples symetria, de musicalidade vã. Haverá um proclismo occasionalmente irritante. A espontaneidade é tal, entretanto, que sentimos ser natural e facil para este autor moço, o requinte e o excesso. O excesso é phenomeno amazonico por excellencia.

As impressões imaginicas da natureza, ligam subtilmente, em *No circo sem tétó da Amazonia* o ensaio ao drama.

A these não tem frincha por onde metter-se em compartimento estanque: incorpora-se ao poema épico. Nesse livro percebe-se muito claro a fillação do romance no velho tronco, aparentemente morto, da epopeia. A correnteza da narração viridente carrea tudo num symphonismo denso e expressivo. These, drama social exprimem-se, *realizam-se* numa obra de forte belleza. "Na arte antiga ou na arte moderna, procuro só o talento", dizem, tem-se visto dizer tantas vezes. "Procuremos ver si o autor optina em sua obra, si tem um ideal social determinado, sem o que estará fóra do seu tempo", exigem. O essencial, digam o que disserem, é a *realização*.

*No circo sem tétó da Amazonia*, está *realizado*. Não falemos em *definitivo*. Ninguem póde saber da capacidade real de perduração de uma obra nova. Não se chame a esta obra livre, e que velu por que tinha de vir, *grande livro*, tão malbarateado esse elogio insigne, que uns poucos livros universaes, apenas, supportaram.

Diga-se, sómente: — está *realizado*.

Porque foi difficil realizal-o. Os ensaios anthropogeographicos, são ensaios. O drama social póde incorporar-se áquelle ensaio, sob a forma de *these*. Alli ha, porém, além disso, um fundo drama humano: e as formações sociaes passam, e o basico drama humano persiste. E o essencial, por fim, fica sendo o drama de Zé Raymundo, e dos seus companheiros de gehenna.

A qualidade mais interessante deste livro é a arte com que Ramayana de Chevallier incorporou, fundiu o *ensaio* no *drama*. Com uma segurança surprehendente elle soube immergir tudo na grande dôr de viver, na angustia de *ser*, que é a vida mesma. O seu didactismo não choca, não perturba a marcha do drama. Torna-se num elemento do tragico enorme.

Vê-se que Ramayana de Chevallier não armou a sua obrasinha de propaganda; não articulou fantoches de *grand-guignol* reformador. Exprimiu directamente o que viu, o que sentiu, o que sabia, e a força da evocação transbordou de qualquer intenção estritamente programmatica.

Zé Raymundo, Juca Borba, o Mucura são gente perfeitamente individualada, typica, porque representativa, não porque eschematica.

A. M.

**FRONTA**

Revista de Arte e Pensamento  
2ª Phase

Assignatura annual . 10\$000  
Estrangeiro. . . . . 5 dollars  
Numero avulso . . . 1\$000  
Numero atrasado. . . 2\$000

Correspondencia para

Andrade Muricy  
e  
Tasso da Silveira

Redacção e Administracção

Av. Rio Branco, 57—1. andar  
Rio de Janeiro

# pintura futurista poemas

## NOVOS

De Guilherme de Castro e Silva  
— Rio.

Não é desinteressante uma observação retrospectiva sobre o início da pintura futurista que completa cinco lustros no mez de Fevereiro de 1936. Foi naquella mesmo mez que Marinetti apresentou em Paris os cinco pintores Italianos Boccioni, Carrá, Russolo, Balla e Severini, os famosos signatarios do *Manifesto futurista*, o novo código artistico do século XX.

O *Manifesto* foi apresentado em Turim, no theatro Chiarella, perante uma assistência superior a tres mil pessoas, artistas letrados, estudantes e curiosos. A nova legislação artistica era uma simples adhesão ao movimento dos poetas futuristas da escola de Marinetti, mas tinha um particular interesse por tratar especialmente de arte e servir de orientação á pintura moderna. Durante a noite em que foi lido o manifesto, desencadeou-se uma verdadeira batalha, uma nova batalha de *Hernani*, para defesa da arte genial italiana, mas passada a luta e passados os annos, vejamos quaes eram os pontos essenciaes daquelle celebre *Manifesto futurista*.

A necessidade de procurar a verdade reage contra a mentalidade antiquada e não reconhece as velhas modalidades da Forma nem da cor, como até então haviam sido entendidas. O importante não é frizar um instante, uma pose; é preciso mais, isto é, fixar a propria sensação dinamica. Efectivamente, tudo no mundo tem vida e movimento, os movimentos são feitos de vibrações no espaço e se multiplicam até o infinito; tudo, pois, é convencional nas artes plasticas e nada é absoluto em pintura. As verdades de hontem já são mentiras.

O Manifesto declara tambem que o espaço não mais existe, e para melhor provar a asserção mostra como uma casa se destaca sobre o fundo do sol, o qual se acha a milhões de kilometros de distancia. Mesmas theorias sobre a opacidade dos corpos, baseados nos mediuns que não conhecem obstaculos visuaes, e em materia de visão, novas idéas, fundamentadas sobre os progressos dos raios X, isto numa época em que nem se sonhava com a televisão...

A construcção tecnica dos quadros, disse o manifesto, foi, até hoje, *estupidamente tradicional*, os pintores sempre mostraram objectos e pessoas distantes de nós; nós, collocaremos o proprio espectador no centro do quadro. Queremos entrar na vida sem fazer distincções entre os seres, *a dor dum indiu é para nós tão interessante quanto a dor duma lampada electrica que soffre espasmodicamente antes de morrer*.

Para conceber e comprehender as bellezas novas dum quadro futurista é preciso que a alma se purifique, que a vista fique livre daquelle veu de *atavismo e de cultura*, para que passe a considerar como o nosso unico contróle a Natureza e não o Museu. Como se está vendo, muitos conceitos são aproveitaveis no celebre manifesto, dentro das elocubrações exaltadas dos neophytos.

Em resumo, os futuristas declaravam:

- 1.º — que todas as formas de imitação são condemnaveis e que todas as formas de originalidade são louvaveis e devem mesmo ser glorificadas;
- 2.º — que todos os verdadeiros artistas devem reagir contra a tyrannia das palavras "harmonia" e "bom gosto", expressões elasticas, por meio das quaes, é possível desmantelar as obras de Rambrandt, de Goya e de Rodin...
- 3.º — que a critica de arte, além de inutil, é nociva;
- 4.º — que se devem eliminar os assumptos já batidos;
- 5.º — que o título de *louco* é uma honra;

6.º — que o dynamismo universal deve ser dado em pintura como sensação dinamica;

7.º — que a sinceridade e a virgindade são condições essenciaes para interpretar a natureza;

8.º — que o movimento e a luz destroem a materia dos corpos.

Por esses motivos, os primeiros futuristas lutaram contra os coloridos bituminosos e contra o archaismo artificial e superficial, imitando a factura linear dos Egypcios; combateram tambem o nú em pintura, não por o considerar immoral, mas por acha-lo monotono e gasto. A pintura moderna, aliás, nas suas escolas mais avançadas reprova o nú, o cubismo e os seus derivados nunca admittiram o nú, a pintura moderna não é immoral como a litteratura — ainda bem...

Talvez a ausencia do nú seja a unica conquista futurista que represente uma realidade porque a originalidade tão apregoadá não constitue por si só uma novidade. A pintura de estados de alma, de dynamismo, não tem dado resultados aprecláveis durante os cinco lustros esgottados, entretanto é preciso reconhecer um esforço geral, uma tendencia para alguma coisa nova e ainda mal definida, um periodo de transição sem duvida, entre o tradicionalismo archaico e o modernismo atrevido.

Desde o manifesto, muitas escolas tentaram revolucionar a pintura sem resultado. Os rebeldes conservaram-se na velha tecnica dos antigos, os novos procuraram os caminhos novos e ainda os procuram. Esses caminhos conduzirão finalmente a uma nova arte menos artificial e provavelmente mais perfeita que a classica, a não ser que se queira definir o classicismo como perfeição absoluta...

## henri de lanteuil

### á sombra do himalaya

(conclusão da pagina 4)

de Ramakrishna e os seus pensamentos profundos como a Terra, fecundos como a Terra, sedutores, maravilhosos, verdadeiros como a Terra.

O seu evangelho trazido por ele á America do Norte, frutificou no sólo do cimentodotes da cultura universal, nas academias armado. O seu nome ficou entre os sacer—"yankees" e nas bibliothecas colossaes de Chicago e Washington.

Morreu, como morre qualquer homem: — de diabetes. Não houve lenda em torno de sua morte. Ainda vivo, o seu espirito já se havia transportado para a eternidade.

Do Himalaya, os paredões de gelo refletem ainda hoje, para todo o mundo, o incendio cosmico de Vivekananda, o Mestre dos olhos de lotus, cuja beleza fisica era, na certeza do seu pensamento, uma projecção pallida de sua alma incandescente.

ramayana de chevalier

Ainda ha quem indague se a poesia morrerá. Nem por devancio devemos pensar em tal cousa. O que é o Universo, das secretas palpitações oceanicas á maravilhosa harmonia sideral, se não vasta epopela do Cósmos, sentida e contemplada por outra força que ultrapassa os limites do planeta para attingir a poesia mais alta ainda por infinita? Força que é o mundo interior de cada ser na especie humana. A intelligencia é a parte elevada do ser, o amor é a profunda.

Ambas têm a sua raiz nos fundamentos da vida e geram toda a beleza da existencia; e a beleza, porque é uma percepção do espirito, é eterna, e a poesia, a emoção estética, é a sua essencia. A objectivação da poesia faz-se pela obra de arte. A sua technica é um triangulo: — sensibilidade, pensamento, expressão — com o vértice para o alto, esotericamente, como as pyramides famosas. Que a poesia continua em florescencia vêm-nos dizer mais dois poetas, novos, pela idade, encantadoramente jovens, e pela expressão moderna em que nos falam. São elles Guilherme de Castro e Silva e Inah Pacheco Secundina.

O primeiro estreitou aos 12 annos com um livro — Alegria — que surpreendeu a atenção litteraria da época pela seiva risonha e promissora, tão bem traduzida no titulo. Aparece-nos elle agora com *Poemas Novos*, e a surpresa retorna pelo vigor da linguagem, agudeza de pequenas observações expressas de modo muito natural mas imprevisito, na inspiração primaveril e forte de seus paineis.

Madrugada,  
quando o quarto é uma grande sombra ainda.

Madrugada,  
que se advinha pela inquietude das cousas.  
.....  
pelo vento que traz um sabor de alvorada.

E notemos a linda sugestão final:

E fica-se em extase esperando  
a grande revelação...

Em Bem estár:

Só se ouve o ruído do vento curioso  
folheando os jornaes que eu deixei  
em cima da mesa.

(conclue na pagina 15)

poemas  
novos

(conclusão da pagina 4)

Em *lyrismo*:

No morro fronteiro tinham atirado o sól pelo despenhadeiro.  
E o atiraram p'ra o lado da terra porque se o fizessem p'ro lado do mar, elle boiaria como boiava demanzinha quando surgia.

Em *Insomnia*:

Uma cascata se joga, com uma coragem incrível,  
do alto de um morro enorme,  
rolando pelas pedras.  
Este quadro de *Enfermo* é como um balucio de coração menino:

Vejo a noite baixar.  
Vejo a noite crescer  
como quem vai fechando  
devagarinho os olhos...

*Favela* é todo um scenario de verdade rude e humana.  
No *Poema das horas*, ha outra pincelada interessante, em que o adjectivo é o flagrante de uma situação.

Os lampeões abrindo os olhos  
esplam o romance Inconfessavel das esquinas.

Em *Perigo* ha esta sugestão impressiva do fenomeno e da nossa paisagem:

O sól no alto parecia um monoculo vermelho  
no olho da montanha.

Pena é que se repita neste poema o "sól detraz dos morros", de bello efeito anteriormente.

Outro reparo: o mecanismo futurista, que, de tão usado, se tornou vulgaridade óca, da sua nota em *Sucessão* e nas "montanhas castanhas", de *Contraste*.

Foi breve o éco, felizmente, mas destacavel por muito alheio ao primoroso ambiente geral do livro. O joven poeta vive mais pelo exterior da vida, o que é natural com alma tão moça ainda; que olhos felizes, porém, tem elle, tomando as cousas na sua plena vibração para nol-as dar em tom singelo e novo, com o talento de raça que possui.

silveira netto

murillo

Se, na obra poetica de Murillo Araujo, os *Carrilhões* são uma cella de meditação e recolhimento, e *A cidade de ouro* um salão nobre, clareado de grandes painéis de mestre. — *A iluminação da vida* e *As sete côres do céu* são um jardim fresco. O conde antigo vae-nos mostrando, um por um, os recantos mais deliciosos do seu dominio de sonho. E ainda tem muito que mostrar. Ha, ainda, a ver, a floresta ensombrada, cheia do infinito rumor do entardecer, e por sob cujas frondes cerradas, e por entre cujos troncos serenos, correm, ágéis e ariscos, os animaes prodigiosos de formas puras, que elle vae caçar sózinho, com a matilha dos seus instinctos esfomeados de belleza.



*A iluminação da vida*, que traz o mais proprio, mais expressivo e mais novo dos titulos de livro do movimento modernista e *As sete côres do céu* são um jardim fresco. Para que valha a metaphora, é preciso que se recorde o sentido transcendente que attribuo aos jardins. Para mim, o jardim representa a harmonia suprema entre a natureza e o homem, a realidade e o sonho, a vida e o ideal. E' a conciliação infinita e profunda.

E', sobre a Terra, o encontro do espirito de Deus com o espirito do homem.

Arvores e aguas, passaros e flores, vozes do vento, zumbidos dos insectos, — eis todo o elemento natural que, na floresta, é a bruta realidade esmagadora, dentro da qual o homem de hoje fóra como exclado; a realidade hostil contra a qual elle investe para vencer-a e transformal-a.

A esse mesmo elemento impõe a conformação do seu espirito, a symetria da sua visão autonoma. E das aguas selagens faz os lagos tranquillios e os canaes mansos e espelhentos; allinha as arvores em alamedas, agrupa-as em bosques em que dorme a sombra: e as arvores formam painéis decorativos e as alamedas são caminhos de sonho... ("Alegria criadora").

Na poesia de Murillo Araujo a vida se illuminou outra vez — de uma luz diferente da dos grandes painéis de mestre do salão dourado e da amortecente luz da cella reco-

araujo

lhia — porque elle saiu para o jardim. Illuminou-se da luz do sól verdadeiro, da luz das coisas vivas, da virgem luz do céu aberto. "Programma: poesia da America barbara: cadencia e vibração primitivas — dança selvagem e gritos de juventude e de força interjelções deslumbradas com a cor e o som de uma terra nova." Esta a realidade bruta que elle teve para modelar de novo. Fez, com ella, o que com os elementos da selva hostil fez o homem, criador: construiu-a em jardim.

"Sou um homem do mundo jovem do mundo claro.

meus rythmos  
retinem como as capoeiras e retangem como os [brejos.

Neste minuto, a vida  
é ouro...

na agua do tanque o céu estylliza as imagens.

Sussurram pifanos e rufos na charanga dos [bambús.

As luzes brincam de quatro cantos, e dan-sam, dansam."

O caminho que fez Murillo Araujo de *Carrilhões*, para *Iluminação* e *Sete côres*, através de *A cidade de Ouro*, reproduz "ontogeneticamente", como diria o velho e desprestigiado Haeckel, a "philogenese" da poesia post romântica.

Estão na sua obra marcadas, em *retreci*, todas as etapas dessa poessia. Ha nellas a phase inicial puramente symbolista dos *Carrilhões*, com o tedio, a melancolia, a torre de marfim, com o subjectivismo exarcebado, característicos do symbolismo da primeira hora. O poema da cidade maravilhosa indica evolução posterior no mesmo sentido em que a realizaram, nas pégadas de Whitman e Verhaeren, os cantores da ardente realidade humana hodierna, em que as construcções gigantescas do homem tomam relevo épico e esplendem no seio da belleza universal, mas carregadas ainda de dramatico accento pela lembrança do esforço amargo de que puderam nascer. *Iluminação* e *As sete côres* representam, por fim, a libertação definitiva. Renovando rythmos, imagens e motivos, Murillo Araujo entrou na ronda modernista. Entrou, porém, ao lado do bando da alegria verdadeira. Porque houve outro bando que rodou, rodou, com o tédio, ainda no coração, para disfarçar o descontentamento. Este acabou por affrouxar a cadencia da dança e dispersar-se afinal, auto-intoxicado de lassidão e sarcasmo. O de Murillo Araujo continuou o ballado. Em rythmos cada vez mais luminosos e profundos, mais frescos e inesperados. Porque a belleza existe, de facto. E, portanto, é possível a alegria. O que ás vezes fallece no homem é a força de alma para a arrancada da vida com que Deus prova e separa os destinos superiores.

T. S.

# Banco dos Funcionarios Publicos

## O SEU RELATORIO DE 1934

O Banco dos Funcionarios Publicos acaba de distribuir o seu relatorio do exercicio de 1934. Esse documento da vida, do trabalho e do progresso do velho estabelecimento nacional de credito é apresentado aos acionistas pelo seu respectivo presidente, General Emilio Sarmiento.

Como se sabe, o Banco foi autorizado a operar, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 1890. O decreto de autorização e a necessaria exposição de motivos foram redigidos do proprio punho de Ruy Barbosa, que escreveu, sobre o assunto, uma das suas paginas memoraveis, traçando, pode dizer-se o verdadeiro programa do Banco.

E esse relatorio de agora, o Conselho Fiscal, composto do Almirante Francisco de Matos, do Coronel Genserico de Vasconcelos e do engenheiro Edmundo Monte, ofereceu um parecer, que é muito expressivo. Reconhecendo que são solidas as condições economicas

e financeiras do Banco, acentua o Conselho textualmente:

Das contas saltam logo á vista, a de transações sobre consignações e a de depositos. Tomemos, para confronto, os dados relativos aos exercicios de 1932, 1933 e 1934.

<i>Transações sobre consignações</i>	<i>Transações sobre depositos</i>
1932 — 8.609:963\$836	1932 — 3.071:495\$980
1933 — 17.106:019\$100	1933 — 7.640:850\$528
1934 — 21.702:020\$922	1934 — 12.536:522\$087

O confronto revela o progresso extraordinario do Banco. Manteve-se o mesmo dividendo de 8 %, atendendo-se á providencia louvavel não só de se amortizarem prejuizos por falecimentos de mutuarios, como de se levarem á conta de lucros e perdas os debitos incobráveis.

## “Definição do modernismo brasileiro”

DE

## Tasso da Silveira

Unico livro documental sobre o movimento renovador de nossas letras

**PREÇO 6\$000**

A' venda nesta redação — Avenida Rio Branco, 37-1.º

